

Cabo Frio, Janeiro de 1990, manhã com sol e vento nordeste de 22 nós. Andreas no timão do seu veleiro de 37' e com quase 2m de calado, o leva com cuidado pela parte mais profunda do canal em direção à saída da barra. Nas pedras da barra, umas seis pessoas que vieram à despedida dos três tripulantes, acenam com expressão séria, preocupada, ele responde com um gesto discreto e logo muda o rumo em direção a mar aberto. Andreas está atento no barco, quer se concentrar na última etapa do seu longo projeto de vida. Afastando-se das ilhas, o vento passará dos 30 nós, e ele está avaliando se a redução feita nas velas é o bastante para enfrentar o forte contra vento que virá. O seu plano é navegar fora da costa até alcançar os ventos alísios de SE, favoráveis até o equador. Depois, mais contra vento com os alísios de nordeste, totalizando 3400 milhas (6300 km) até a ilha da Madeira (Portugal) primeira etapa de sua viagem à Grécia. O barco está muito carregado com comida, água, remédios, combustível, peças sobressalentes, ferramentas de todo tipo e os pertences de duas pessoas para até 60 dias de viagem, até a 1a escala. Ele leva tudo que possui e considera necessário para sua vida física, seus livros, suas anotações e escritos, algumas lembranças e suas roupas, o resto, o aprendizado dos seus 49 anos, este, ele diz, carrega para sempre na alma. Toda carga foi bem embalada, acomodada e distribuída no barco, de forma que o peso maior se concentrasse à meia nau, buscando maior estabilidade, conforto e velocidade para as condições esperadas.

Após um tempo com as mãos no leme, sentindo as reações do barco, regula o piloto automático num rumo que diminua as batidas de proa nas ondas, senta confortavelmente no cockpit e passa a observar o comportamento do veleiro, que tantos anos lhe consumiu a construí-lo. “Será que fiz tudo certo” ele pensa. Cálculos, reforços, material escolhido, soluções e adaptações e o planejamento para tanto tempo de viagem, tudo sem dividir a responsabilidade com ninguém e ainda levando duas pessoas sem experiência, e o pior, o barco só foi seriamente testado menos de 48 hrs em provas de mar. Algo o empurra, e ele obedece. Tanta coisa pode falhar. Distraí-se com o bonito e valente navegar contra as ondas, algumas bem altas, mas raramente passando por cima da proa. Passa a notar os acertos que vão aparecendo e com o passar do tempo sua confiança melhora. Se o barco resistir alguns dias nestas condições de mar e vento, seu trabalho, tão detalhista, será aprovado.

Em poucas horas não se vê mais a ilha de Cabo Frio. Com vento já passando dos 30 nós e as ondas crescendo, ele se sente finalmente livre da terra. Somente o mar, as ondas, o céu as nuvens e o vento. O barco, que Andreas conhece tão bem em seus detalhes, faz parte dele e o obedece. “Estou livre - diz bem alto - livre mesmo, posso mudar tudo, posso ir para o norte, sul ou continuar para o leste só não quero voltar, chega da vida em terra, chega.” É uma sensação diferente das outras viagens longas, que ele geralmente faz a trabalho e tem que cumprir compromissos. Sempre navega por se sentir melhor no mar, não importando o lucro. Gosta de ventos fortes, e busca todo potencial dos barcos que navega, regulando ou trocando velas, mudando rumo, mudando posições das ferragens dos cabos, e até mexendo na carga interna por



menor que fosse a vantagem em velocidade, não exatamente por pressa, apenas uma forte vontade.

Perfeccionista, faz alguns ajustes, modificações e regulagens nos primeiros dias e uma mudança na captação da energia do gerador eólico, melhora o conforto com geladeira, piloto, instrumentos, luzes e até o som funcionando sem preocupações.

Organizada a vida a bordo com muitas instruções, definições das funções de cada um, horários dos turnos, eles vão se adaptando sem dificuldades. Lia, instrutora de mergulho e acostumada com mar, mas não em veleiros ou viagens longas, rapidamente mostrou ser ótima tripulante. Pedro, jovem sem nenhuma experiência no mar, trabalhava no estaleiro de Andreas na construção de pranchas de Wind surf e ajudado na construção deste barco. Uns dias antes da saída perguntou se podia ir junto. A prova feita com ele foi a mesma do barco, quase 48 horas de mar simulando condições parecidas com as da viagem. Aprovados, marcaram a data da saída, em qualquer condição de tempo. Andreas precisa chegar a Atenas antes da temporada do verão europeu para garantir o trabalho. A companhia de vendas e charter de veleiros, que havia contatado, garantiu-lhe que se chegasse de barco do Brasil, estaria contratado. Um bom teste para o emprego, eles devem ter pensado. A época da travessia para Europa não era a ideal e esta rota foi a melhor escolha, mesmo com ventos contra.

O mastro, sua maior preocupação, parecia estar firme, mas raramente avisa quando vai cair. Ano passado, 1989, não lhe foi favorável, em mastros. Quando fica sozinho no seu turno, entre tantos outros pensamentos, é inevitável não repassar algumas lembranças.

Na 1ª tentativa de testar seu barco em condições duras de mar e vento, uns quatro meses antes da viagem, o mastro começou a ceder, empenando no meio. As especificações que o fabricante lhe deu estavam erradas. Foi trocado por um mais reforçado, mas e as falhas..., logo depois, ainda um mês e meio antes da sua viagem, ele aceitou trazer um belo, e quase novo, veleiro de 47', de FortLauderdale (Florida) para o Rio, mas uma falha de fabricação no terminal do cabo de aço do tope, quebrou o mastro no meio. Foi grande a sua surpresa quando, ouvindo o barulho surdo e seco, saiu da cabine correndo e viu a forte luz de navegação do tope do mastro de cabeça para baixo, balançando a três palmos do convés. A escuridão não deixava ver mais nada, e passaram alguns segundos para entender que, aquilo era a parte de cima do mastro que tinha caído e continuava presa na outra metade. Estavam umas 450 milhas da costa das Guianas Francesas. Andreas tinha que sair daquela situação rápido, por causa da sua viagem a Grécia. Eram três, mas um ficou paralisado em estado de choque, o outro que era apenas um passageiro e ele, trabalharam duro o resto da noite e o dia todo para voltarem a navegar com o pedaço do mastro que tinha sobrado em pé. Improvisando as velas com até de wind surf, conseguiram velejar com boa velocidade. Sem nenhuma carta de navegação ou informação sobre a região, foram em direção da costa. O vento e a corrente os empurrava para o Norte. Evitando a todo



custo serem arrastados até Georgetown (Guiana Inglesa), lugar perigoso e de pirataria, conseguiram em uma semana chegar à costa de Suriname. A maior dificuldade foi achar a entrada do rio Suriname, que leva à capital, Paramaribo, por causa da costa muito baixa, totalmente deserta e sem nenhuma sinalização para orientar. Raso demais, média de 3m, com a quilha às vezes arrastando no fundo, e sem nenhuma referência, somente com a intuição, que Andreas usa muito nestas horas. Mas Suriname não é o local para se concertar um mastro destes. Pobre, muito corrupto, arriscado porto de embarque de contrabando e drogas para o Brasil, o barco teria que sair sem demora, e aproveitando os ventos favoráveis voltar para alguma ilha do Caribe com mais recursos. Seu tempo tinha se esgotado e passou o serviço para outro, voltando para o Brasil de avião. Carregando na mão algumas peças compradas nos EU, para seu barco, demorou a explicar na alfândega de Belém do Para porque trazia um pequeno vaso sanitário, e logo embarcado em Paramaribo. Sacudiram-no o olharam o cheiraram e o reviraram de todo jeito desconfiadíssimos, quase o quebraram a procura de drogas. Seu sextante, que estava em sua bonita caixa de madeira e não o largava, nem sequer foi visto. Não conseguindo embalar outra vez viajou até o Rio com o vaso nas pernas fazendo piada da situação e, para quem olhava curioso, dizia que o tinha perto por enjoar muito.

Estas lembranças o divertem, e na solidão do turno o fazem sorrir.

O vento continua forte e ronda favorecendo rumo direto para Trindade e Martins Vaz. Apesar da pressa, não podem perder a oportunidade de dar um mergulho nestas ilhas, tão longe da costa (mais de 700 milhas de Cabo Frio) e tão difíceis de acessar. Sexto dia, Trindade aparece no horizonte. Com vento bem fraco céu claro e calor, aterram do lado sul. É região de pirajás, nuvens carregadas de chuva e com ventos às vezes bem fortes. De dia é fácil uma avaliação do que vem pela frente, depende do tamanho da nuvem e da cor, quanto mais escura pior, mas em noites sem lua é necessária muita atenção no horizonte. Trindade é arriscado ancorar por causa deles, lá estavam um navio da marinha, um navio pesqueiro e um veleiro, todos destruídos nas pedras. Decidem ancorar numa pequena e apertada enseada aberta para o sul para um irresistível mergulho. Do convés se veem muitos peixes, como num aquário. As condições parecem ideais, com dois ferros em V e aparentemente bem seguros vão ficando até a noite, quando voltarão a navegar, depois do jantar. Uma pequena distração na cabine e de repente um solavanco com um forte esticão nos cabos dos ferros. Tarde demais, ele veio com força do sul, pegando o barco de proa. Estão numa armadilha. O motor a toda rotação não está vencendo o vento, que já passa dos 40 nós, fazendo os cabos permanecerem muito esticados. As ondas começam a crescer fazendo a proa caturrar. Andreas com as mãos nos cabos sente logo quando um dos ferros se solta no fundo de pedra. O barco, preso só num cabo, começa a correr de um lado para outro, igual animal selvagem amarrado querendo se soltar. Aproxima-se mais ainda das pedras que parecem poder ser tocadas na escuridão e na forte chuva. Andreas tenta calcular se, abrindo um pouco a vela de proa, cortar ou soltar rapidamente os cabos dos ferros, daria para bordejar para fora, mas parece com



pouquíssima chance de livrar o barco do rochedo a boreste. Á bombordo o paredão de pedra completa o cerco. Muito arriscado. Ele puxa o cabo do ferro solto, em derradeira tentativa, e o arrasta com cuidado até que, o sente preso. Isto faz o barco parar com a corrida. Tudo é rápido, mas traz péssimos pensamentos. O dia está clareando e vale mais um mergulho na água clara e calma outra vez. Dá para ver onde o ferro parou. Surpresa. Está numa laje lisa apenas com uma pequena rachadura onde exatamente a unha do ferro entrou e ficou, parece que alguém o tinha colocado. Como não lascou a pedra ou não quebrou a ponta do ferro com tanta pressão? Agradecer e seguir.

Estão contornando a ponta para seguir rumo norte, quando resolvem chamar pelo radio a guarnição da ilha, para se identificar e continuar a viagem. "Vocês não vão parar?" é a resposta, "o comandante está convidando para o almoço e não pega bem não aceitar". Quanta hospitalidade e atenção, é o lado bom da distancia da "civilização", com certeza. O duro é nadar varias vezes levando os presentes até o barco, desta vez parado longe com o ferro preso numa pedra a uns 9 metros de profundidade, e ainda pegar jacaré encolhendo a barriga para passar por cima dos corais na beira da praia. O bote inflável não tem chances de passar sem ser rasgado. O pessoal insiste e eles levam em uma boia, artesanato de lembrança, peixe seco, verduras frescas e até material de pesca e arroz do navio pesqueiro recém-destruído.

Parece que a viagem está começando agora, afinal é uma despedida completa e muito agradável. Com ótimas condições, uma rápida passagem pelas ilhas Martins Vaz satisfaz a curiosidade. O vento favorável e constante por vários dias até a linha do equador vai dar chance para ler, escrever, relaxar e olhar para o horizonte com quase certeza de que nada vai aparecer. Esta sensação de descompromisso com as regras da vida em terra, a liberdade de decidir para e por aonde ir, o sentimento de fazer parte da natureza e, de só dela ter que se cuidar e não dos imprevistos, tão variados, causados no dia a dia pelos nossos semelhantes, é o que mais o atrai nas viagens longas no mar. Sempre que volta de uma viagem destas, Andreas tem a certeza que a vida em terra é inutilmente complicada com os inúmeros compromissos que o homem assume e que o afasta mais e mais da sua finalidade na terra. Fica difícil o autoconhecimento, ser natural, livre, espontâneo. A bordo o único compromisso é o respeito e ajuda mútua com os companheiros neste mini mundo, e seriedade com a natureza que raramente surpreende quando se está atento. Relaxado e sem preocupações, além de manter o barco navegando, se ocupa em se conhecer melhor analisando suas deficiências, e principalmente, o que merece ou não, ser considerado importante para seu aprendizado e evolução. A sensibilidade com as condições do tempo fica bem aguçada, é fácil fazer previsões de um ou dois dias, só olhando o céu e aproveitar as correntes que são visíveis analisando a altura e formato das ondas em relação ao vento. Seu Leo, que conheceu quando chegou a Cabo Frio em 63, lhe explicava isto. Era o melhor pescador da região. Saía no seu barco aberto, muitas vezes sozinho, e ia rumo leste se afastando da costa dezenas de milhas e só voltava com o barco cheio de peixes de primeira. Ficava dois três dias pescando em pesqueiros que descobria sem nenhum aparelho. Nem existiam na época. Dizia que apenas olhava as



ondas e a cor da água, mas os localizava até 30, 35 metros de profundidade o que dificilmente se nota alguma diferença na superfície. Ele dizia que o sol precisava estar em determinada posição, entre outros detalhes. Ele foi um exemplo do entrosamento com a natureza, apesar de na época existirem muitos com estes dons. O admirava muito, era um homem bom e se preocupava com os outros. Graças a ele, Andreas conseguiu recuperar seu barco de trabalho para pesca e mergulho que um pescador bêbado roubou e batendo numa pedra o afundou a 12m de profundidade na ilha Comprida perto de Cabo Frio em 1966.

Anota posições, rumos, condições gerais, estoque etc. no obrigatório diário de bordo. Anota também tópicos e fatos que se destacam na sua memória e acredita que lhe servirão no futuro, quando colocados em ordem, compreender a finalidade dos caminhos seguidos nesta vida. Isto lhe trará, tem certeza, explicações e respostas para os erros e acertos que teve nos anos vividos. Quer saber como intuitivamente tem amplo conhecimento sobre mar e barcos. De sempre saber onde está navegando mesmo sem instrumentos. Enfrentar situações adversas, aparentemente nunca vividas antes, e sempre saber o que fazer. De se sentir melhor na pior tempestade do que com os problemas “normais” da vida em terra. Sempre achar uma solução para uma emergência com a frieza de quem já passou por isto.



CAPITULO 2

1941, segunda guerra, Atenas, Grécia invadida. Andréas nasceu numa noite quente de Setembro, já mostrando que daria trabalho ao seu protetor.

Um soldado alemão entregou a seu pai sua arma, uma pistola Luger (9mm), para ajudá-lo a fugir da guerra. No dia de passa-la a um amigo da resistência grega, resolveu por brincadeira, achando estar descarregada, engatilha-la e apontar para barriga de sua mãe nos últimos dias da gravidez. Ia puxando o gatilho quando, o outro num pulo, a desviou. A bala fez um grande estrago no piso da casa dos seus avos paternos, visível por muitos anos.

Da infância, no final da guerra, algumas cenas e lembranças ficaram mais fortes. As sirenes de alarme para bombardeios e a corrida para se abrigarem. O propositalmente aterrorizante, estridente e forte assobio, das asas dos aviões alemães Stukas em mergulho para soltar as bombas. O curto silencio antes da explosão destruidora delas. Os tiroteios com rifles e metralhadoras atingindo as paredes e os vidros da janela de sua casa. O desespero para se abrigarem em qualquer lugar quando estes tiroteios começavam nas ruas. As pessoas atingidas ou mortas. Os cadáveres esqueléticos, seminus, de pessoas mortas de fome ou de frio e saqueados, sendo jogados num caminhão. O olhar assustado, da menina muito, muito magra, quando a pegou comendo cascas de limão e de batata do lixo da sua casa, entre outras.

Era uma criança muito tímida, mas com muita curiosidade observava tudo e todos. Fazia muitas perguntas, a maioria sem resposta. Aos três anos, na noite que sua irmã nasceu, começou a desconfiar das respostas dos adultos. De manhã queria saber como ela apareceu dentro de casa se estava tudo fechado inclusive com cobertores nas janelas. Por causa dos bombardeios, as luzes mesmo fracas, não podiam ser vistas de fora, poderiam virar alvo. O medico apontou para um cata-vento no telhado em frente em forma de galo, "foi ele quem a trouxe," "como?," "pela janela", "mas como, ele voa, ele é vivo?," lembra com detalhes. Insistiu até descobrir a verdade com a mãe. (Este medico, amigo da família, foi o deputado Lambrakis assassinado em 1963 no governo militar grego, personagem do filme Z de Costas Gavras)*

Aos quatro anos e meio, o levaram para uma cirurgia de amígdalas. O medico (outro) mentiu para distraí-lo, e apertou com força uma vasilha com algodão e éter no seu



rosto. Amarrado, lutou muito, mas o éter logo o anestesiou. Mesmo sem dor sentiu serem arrancadas. Depois, revoltado com o médico, queria saber por que as tiraram se nascemos com elas. Para ele, a vida e tudo mais tinham que ter uma finalidade. Desconfiado, ninguém o convencia com as respostas para esta e muitas das suas perguntas. Com poucos amigos e brincando muito sozinho, inventando seus brinquedos, o médico chegou a recomendar psicólogo, impossível na época. Queria saber como tudo funcionava brinquedos, carros, trens, navios etc. Aos poucos foi aprendendo sozinho juntando as poucas informações obtidas daqui e dali. A curiosidade o levou a ler cedo. Lia tudo que aparecia a sua vista. Foi assim que, lendo a primeira revista aos seis anos, soube sobre Saba, uma ilha no Caribe considerada como paraíso pela vida tranqüila sem guerra e sem fome. Resolveu e falava que faria um barco quando crescesse para ir até lá. Saba, não mais foi esquecida, passou a ser o exemplo do lugar ideal. Pensando em estar preparado para navegar resolveu, entre outras coisas, aprender a nadar, sozinho. Observando os outros, resolveu se por a prova. Esperou todos se afastarem e pulou da ponta de um cais sabendo que teria que nadar até a escada, nadava ou se afogava. Nadou, mas bebeu muita água, e nunca falou isto para ninguém. Gostava de descobrir lugares, com nomes que lhe pareciam familiares, em mapas, e sonhava em ter um globo terrestre igual ao da escola. A curiosidade com veleiros era muito grande, e se decepcionou com o pai quando vendo um, numa marina, não soube lhe responder por que eles tinham a quilha naquele formato. Lamentou muito a morte do seu tio (irmão do pai) e seu herói. Ele tinha conseguido sobreviver ao naufrágio do seu navio de guerra, torpedeado pelos alemães no Mediterrâneo, e numa balsa muito ferido na perna com vários estilhaços da explosão, ficou a deriva por vários dias. Foi seu tio que o achou na rua todo ensangüentado, depois que um garoto, sem nenhum motivo, o tinha atingido por trás, com uma grande pedra na cabeça. Com palavras de estímulo o fez também se sentir um herói. Fez para ele a maior pipa que alguém tinha visto na época chegando a juntar uma multidão para vê-la subir. Homem muito dinâmico e de iniciativa, tinha conseguido dinheiro do plano Marshall (ajuda americana pós-guerra) e estava construindo uma enorme fábrica para manufaturados de madeira, inclusive barcos salva vidas. No dia que chegou a maior máquina (7ton) foram todos ver. Foi descarregada e deixada em pé, Andreas com oito anos, teve um pressentimento muito forte da máquina caindo e fez de tudo para convencer seu tio a mudar a posição. Quem ouviria uma criança, mesmo assim seu tio perguntou por que, “tio, ela vai cair em cima..... dos carneiros” inventou na hora, “não vai não, eles estão longe, vamos tomar sorvete” lhe disse e o colocou nos ombros. No dia seguinte a máquina caiu, causando fraturas fatais no seu tio. Isto mudaria a vida de sua família. A fábrica, sem ele, não conseguiu pagar o empréstimo, foi a leilão.

Viveu até os doze anos entre dois extremos de educação. Dos avós paternos, que tinham sido muito ricos (perderam quase tudo quando fugiram do “Massacre de Smyrna” em 1922) e eram muito cultos, recebeu orientação rigorosa sobre comportamento em geral. Os dois eram políglotas, viajados e muito bem relacionados dentro e fora da Grécia. Entre os muitos conselhos do seu avô, o que mais usou,



“aprenda de tudo na vida para não depender dos outros”, e algumas regras sobre alimentação, surpreendentemente atuais, além de dar bons exemplos com frases de filósofos gregos. Da sua avó, “seja justo, seja justo com os outros”. Tudo passou a ser aprendizado e isto lhe deu liberdade e confiança para suas decisões no futuro. Da família da mãe, muito simples sem recursos e com o mínimo de cultura aprendeu, além da humildade, que não importando os recursos, poderia conseguir muito com criatividade e trabalho. Isto o fez sentir-se capaz de tudo, bastava buscar a ajuda dentro de si. O melhor foi a descoberta de que tudo é uma questão de equilíbrio, nem o pouco nem o excesso, e que melhores decisões seriam as simples e práticas. Amava e compreendia os dois lados, mas isto o fez a tomar o seu próprio rumo, visando o equilíbrio como meta.

A casa que foi morar com seis anos era minúscula, cozinha e um quarto, sem nenhuma calefação, e banheiro comum com outras casas no quintal. Nos invernos gelados, congelava a única torneira da casa, precisando usar fogo para ter água. A comida era feita em fogão de lenha ou carvão até que seu pai conseguiu um fogareiro a querosene, foi uma alegria para sua mãe que dizia que a comida ficaria mais gostosa. Muitas vezes comia pão duro molhado com água e açúcar em cima, que sua mãe lhe dava na falta de opção, mas gostava. Quando tinha carne, às vezes nos domingos, era festejado. Banho no inverno só de caneca numa bacia na qual ficava de joelhos. No verão a torneira do quintal era uma grande farrá. Geladeira ou um simples rádio eram desconhecidos para Andreas. Algumas compras eram feitas usando cupons, os alimentos durante e depois da guerra faltaram e por muito tempo e tinham que ser racionados.

A casa ficava perto dos trilhos do trem. Era uma irresistível atração quando a maior locomotiva parava, para outra manobrar. Conhecia todas pelos seus números nas laterais. Olhava, admirado, todos os detalhes e se assustava com o forte apito dela, tapando os ouvidos.

Começou a estudar aos seis anos, em escola particular paga com ajuda de algum parente. Às vezes a diretora entrava na sala para pedir que o pai dele comparecesse na secretaria, então, todos olhavam para ele. Achando que tinha feito alguma coisa errada, insistia saber o *que* tinha acontecido. “Não é nada com você, talvez precise mudar de escola” respondia seu pai. Durante os seis anos que estudou lá, foi discriminado pelos colegas, que nunca brincavam com ele, sentia muito, mas não reclamava, não falava sobre isto com ninguém. Nos recreios ficava num canto observando, se imaginava fazendo as mesmas brincadeiras, melhor que eles. Quem escolhia os que iriam brincar no grupo era um garoto louro que dizia para o Andreas “você não”, e todos obedeciam. O garoto era muito bem tratado pelos professores, era filho de alguém importante, e tinha aparência de rico. A única vez que um colega o convidou ir à sua casa para brincar, a mãe dele não o deixou entrar e ainda reclamou na frente dele de tê-lo convidado, “não temos comida” dizia para o filho. Andreas pensou “eu não vim para comer”, mas as palavras não saíram. Quando ele lhe fechou a



porta, Andreas ainda ficou parado, esperando, sem entender. Saiu triste olhando para traz, sentou no meio fio e chorou. Desta vez doía muito. “Por que ninguém me quer”? “por que me tratam assim”? Não quis mais voltar para casa e andou, andou até cansar. Quase se perdeu, mas ouviu o apito do trem e voltou seguindo os trilhos. Desta vez falou com a mãe que não lhe deu uma explicação que o aliviasse. A mãe semi analfabeta, só cuidava da parte física dele e o mandava ir à igreja aos domingos, ia por causa dos cantos bizantinos do coral.

Acumulando tristeza e revolta silenciosa começou a planejar fugir de casa seguindo os trilhos do trem que ia para o norte, era o da grande locomotiva, desistiu quando andando por horas teve fome e o lugar que tinha chegado era quase deserto, distante da cidade. Pensou em se esconder num vagão ou até por baixo, quando o trem parasse, mas como levaria roupa e comida sem ser percebido em casa. Desistiu da fuga e passou a conviver com a rejeição que nunca sabia de onde viria. A solução era isolar-se por que assim tinha a sensação de se proteger de situações que o deixavam triste, mas isto o transformou. Ficava às vezes calado quando alguém lhe dirigia a palavra, não sabia como se portar, apenas sorria.

Tinha imensa dificuldade de se concentrar nas aulas, tudo o distraia. Os livros da escola eram insuportáveis, não conseguia virar uma pagina e lembrar a ultima palavra lida, fazendo-o retornar varias vezes á pagina anterior. Os pensamentos pulavam em inúmeras direções por mais que se esforçasse. Mesmo assim, conseguia escolher o que lhe era mais interessante e podia escrever ou falar com detalhes sobre isto. Tudo para ele teria outra maneira de fazer. Observava os detalhes em tudo que via, na escola, em casa, na rua, e em tudo ele imaginava como poderia ser melhorado ou simplificado. Em casa, para não se distrair subia no terraço sozinho para fazer o dever, demorava muito, era um sacrifício. Queria ter a melhor letra e imitava as que gostava uma por uma. Era o mais esforçado na ginástica. Nunca desistia em que achava que o destacaria dos outros. Precisava mostrar que podia, que era capaz. Por duas vezes o levaram na casa dos seus tios, em melhor situação financeira, para brincar com seu primo. Seu tio, outro irmão do seu pai, queria ensina-lo bons modos como lavar as mãos, assuar o nariz, que escorria por causa da sua rinite, o que fazia sentir-se humilhado, era como se outros tivessem nojo dele. Seu primo com muitos brinquedos deu para ele um trenzinho quebrado, sem uso, Andreas nem acreditava de felicidade, levou-o para casa e depois de varias tentativas conseguiu conserta-lo. Não o aproveitou, sua tia apareceu na sua casa, bem vestida destoando no local, e disse que o levaria de volta, não adiantando a revolta dele que dizia “meu primo me deu por que estava quebrado e eu o concertei por que vai levar ele não o queria mais, só por que o concertei?” Desesperado, pediu ajuda a sua mãe que não fez nada, nada explicou. Outra decepção, “eu não mereço ter um brinquedo destes” pensava. Nunca mais conseguiu gostar dos seus tios.



Alguém lhe deu um brinquedo de montar tipo mecânico, não conseguiu se concentrar no manual, mas fez muito mais que estava nele. Foi o brinquedo que mais gostou, os outros, ele inventava com latas de conserva, arame, pedaços de madeira, etc.

Terminando a escola primaria, teve a promessa de uma bicicleta, se passasse na admissão do melhor ginásio publico de Atenas. Dias antes dos exames uma pneumonia com febres altas, quase o fez perder o premio. No ultimo exame, oral e decisivo, estava grogue com a febre alta e não conseguia caminhar sem apoio, mas queria ir. Sua mãe, contrariando a todos, o levou assim mesmo e afirmou-lhe, que ela rezaria e ele teria ajuda, mesmo duvidando se surpreendeu quando o examinador lhe pediu que ele falasse sobre um herói da revolução grega contra os turcos, no século XIX. Os turcos o assaram vivo num forno de pão. Era a única parte que tinha conseguido estudar, por causa da febre. Usou muito pouco a bonita bicicleta, porque teve que ser vendida ou devolvida, mais uma vez sentiu muita tristeza, desta vez achou que não merecia nada mais que não fosse resto, lixo. Seu pai, desta vez, lhe deu uma explicação sobre a situação financeira, Andreas pediu para usar um pouquinho mais, sem resultado. Se fechou mais e mais. Aos poucos foi percebendo que para conseguir algo teria que insistir e se aperfeiçoar, tudo sozinho, não acreditava que alguém o ajudaria ou lhe daria algo.

Lia muito livros, revistas, folhas de jornal, queria aprender. Na época apareceu uma serie de revistas, “os clássicos ilustrados” que eram livros de autores famosos em quadrinhos, largava tudo para lê-los. Foram-lhe muito uteis. Entusiasmava-se com a musica clássica, que facilmente decorava seus acordes e acompanhava fazendo gestos de maestro. Pensava, às vezes, em estudar musica quando crescesse ideia que se fortaleceu quando alguém lhe deu uma gaita de boca que tocava criando suas musicas. Não teve oportunidade.

No ginásio, muito rígido, sentiu-se mais ambientado com os colegas. Numa aula de grego, o professor fez uma pergunta ao colega na carteira da frente, que não sabia a resposta. Andreas, contrariando as regras, soprou a palavra certa. O professor, muito irritado, chamou os dois, 5 reguadas nas palmas de cada um. A régua, quadrada e grande assustou o colega que começou a chorar, Andreas esticou sua palma direita na frente do professor e disse firme: “quem errou foi eu, ele não tem culpa”, “ 10 reguadas para cada um” respondeu mais irritado puxando a mão do colega. Andreas decidido afastou o colega e esticando as duas mãos pediu para dobrar as dele. Toda irritação do professor surgiu no assobio da régua descendo nas palmas de Andreas que concentrado não sentiu dor. O outro, mais assustado ainda, fechou as mãos e acabou levando umas bofetadas na cabeça e no rosto. Andreas não reclamou do professor com medo de ter que mudar de escola, mas passou olha-lo com indiferença e menosprezo. Sentia-se forte por ter agido certo, e de não ter sentido dor por ter se concentrado. Passou a acreditar que com força de vontade conseguiria qualquer coisa.

Estava sendo moldada sua vida atual.



Seu pai, com dificuldades, resolveu em 1954 migrar com a família para o “país do futuro”, o Brasil. Forçando a mente para imaginar como seria o novo lugar que iria morar, Andreas teve visões do cais do porto do Rio com alguns detalhes como, o que pareciam ser bondes apinhados de gente pendurada do lado de fora e as ruas de paralelepípedos.

No navio que os levou para Itália, onde embarcariam em outro, teve seu primeiro temporal. Um vento scirocco fortíssimo (vento quente e com poeira do deserto vindo da África) os alcançou num dos piores lugares do Mediterrâneo, o Cabo Maleas, extremo sul da Grécia. O navio mergulhava de proa nas ondas que estouravam na torre de comando cobrindo tudo. A popa levantava e o hélice girava fora da água. Jatos de água eram lançados bem alto. Nestes momentos o navio vibrava muito, com o motor acelerando sem a resistência da água no hélice. A situação devia ser perigosa por que todos foram mandados para suas cabines, errado para ele. Queria saber o que estava acontecendo, e não queria ficar preso numa cabine se o navio afundasse. O espetáculo das ondas altas e o penoso avanço do navio, que parecia às vezes perder a luta contra o mar e recuava, o manteve extasiado por horas, sozinho no salão do bar. Em nenhum momento teve medo, lhe parecia uma situação normal e tinha vontade de dizer para os outros que não aconteceria nada. O capitão confirmou depois que estiveram em real perigo por causa do risco da quebra do eixo do hélice, com o navio ficando à deriva perto das rochas do cabo. Todos agradeceram a Ágios Nikolaos, o protetor dos marinheiros gregos. A travessia do Atlântico foi mais tranqüila e ele passava horas na proa do navio, compenetrado vasculhando o horizonte, sem saber ao certo que procurar, mas gostava e lhe fazia bem, como se fosse uma situação familiar.

Foi feita uma escala rápida em Dacar (África) e viu pela primeira vez, pessoas da raça negra. Teve uma sensação estranha, quando viu um deles de perto, vestido com uma impecável túnica branca. Ele oferecia artesanato, mas o que chamou sua atenção foi sua roupa.



CAPITULO 3

Rio de Janeiro fevereiro de 1954, sábado de carnaval, os bondes cheios de gente pendurada e animada, ruas cheias de fantasiados, musicas alegres e vibrantes.

Andreas, 12 anos, desembarcou do navio neste ambiente. Surpreso e sem entender nada, gostou do que viu, achou que isto acontecia todo fim de semana.

Precisava urgente aprender português, não sabia uma palavra, logo no primeiro dia começou a prestar muita atenção às conversas das pessoas em qualquer lugar e tentar ler tudo, de letreiros nas fachadas a jornais pendurados em bancas. Com a ajuda de compatriotas seu pai o matriculou como ouvinte num ginásio. Em quatro meses, conseguiu, fazendo exames de avaliação, continuar com os estudos. Mas, mais uma vez sofreu a discriminação dos colegas, seu português, ainda fraco, era motivo de chacota. Esforçava-se para melhorar, ficava muito triste com a falta de compreensão. Num exercício de português, um ano depois, dado pela professora que mais demonstrava compreensão por ele, foi ele quem deu a melhor resposta. Ela o chamou para o quadro e pediu-lhe para explicar a resposta para os colegas, que aproveitaram para pedir que escrevesse o nome deles em grego, com clara intenção de testa-lo. Surpreendeu a todos com a facilidade em escrever nas duas línguas. Neste dia, afinal, teve um alívio, ficou feliz. Sentia-se obrigado ter que provar o tempo todo que era capaz, mas quando conseguia, vinha a insegurança. Extremamente tímido, ficava muito vermelho, não queria chamar atenção por nada.

O mar os barcos e a fuga para ilha paradisíaca ocupavam seus pensamentos. Olhava os veleiros e tentava avalia-los, seriam fortes e rápidos para viagens longas? Nesta época, junto com um amigo, conseguiram fazer um barco simples de compensado seguindo o projeto de uma revista. Serviu para treino, porque sem dinheiro para terminar, o venderam logo. Conseguiram emprestado, um barquinho a remo e vela que mal cabiam os dois e o usaram para navegar pela baía de Guanabara em grande estilo. Fez, em escala, com laminas de madeira de centenas de caixas de fósforo (todas era de madeira na época) o veleiro que tinha visto com seu pai, idealizando como seria o seu. Pensando em preparo físico entrou numa academia de Box, tinha 15 anos. Seu treinador depois dos treinos o levava para o bordel do Rio, mais badalado da época, se sentia bem, mais maduro. Descobriu logo que nada é de graça, a gentileza do treinador tinha finalidade, era para usa-lo na sua quadrilha de estelionatários. Gabava-se quando conseguia enganar os outros e de ter subornado policial com cheque frio. Quando lhe pediu que conseguisse uns cheques de



conhecidos, Andreas resolveu sumir, ele nunca tinha dado seu endereço e foi fácil. Não entendia como alguém podia se orgulhar de prejudicar os outros. Orgulho ele sentia quando os outros o elogiavam e gostavam dele, e ele precisava muito disto. Continuou os exercícios físicos em casa e passou a nadar grandes distancias nas águas da ilha do Governador, sempre sozinho, conseguindo um preparo físico excelente. Pensava em navegar solitário.

Com 16 anos, tendo trabalhado duro nas férias como boy de confiança, numa grande importadora no centro do Rio, conseguiu comprar um pequeno veleiro de competição. De uma classe muito disputada na época, o barco estava semi destruído por causa de um acidente. Depois de muito trabalho de recuperação, com dicas de um velho e bom carpinteiro português, o barco voltou a velejar. Este foi seu primeiro barco. Depois das aulas velejava todos os dias, com qualquer tempo e aos fins de semana ia para ilha de Paquetá que o atraia muito, algo familiar, e onde tinha uma namorada mais velha. Começou a fazer regatas, melhorando nas colocações rapidamente. Quando ganhou a primeira regata de um campeonato, com grande vantagem, desclassificaram o barco dele, alegando ter a proa um pouco diferente. Reclamou revoltado, queria saber por que nunca tinham falado antes, mas não adiantou. Um concorrente que tinha desistido ofereceu seu barco para ele, para acabar a discussão. O barco estava desregulado e fazendo muita água, que o obrigava a tira-la durante as regatas, mas Andreas foi vice, perdendo apenas por um ponto do melhor velejador da época, surpreendendo a todos. Curiosamente recebeu um parabéns discreto de uma pessoa, somente. Não se abatia, dizia para ele mesmo que isto o incentivaria para avançar mais. Tinha um jeito de velejar diferente, muito concentrado no leme e em tudo, não parava de fazer regulagens, algumas bem diferentes, o que era comentado com ironia por alguns, mas não o incomodava por que os resultados apareciam. Tinha descoberto onde poderia ter sucesso, ser respeitado, ser aceito.

O mar e os barcos cada vez mais passaram a ser o motivo nos estudos, leitura, trabalho e relacionamentos.

Terminando o ensino médio foi tentar engenharia naval. Mudou de planos quando, ansioso, pediu para assistir uma aula da naval e descobriu que já conhecia alguns cálculos na pratica aprendidos com um engenheiro naval de um grande estaleiro. Em troca dos ensinamentos, Andreas o ajudava no seu barco. Decepcionado com a forma lenta e desestimulante de ensino achou melhor continuar o que já fazia, se informar, ler e praticar. Mas a decisão não foi fácil, durante dias andou solitário por vários lugares, imaginando a vida como uma encruzilhada. Qual o caminho a seguir, com tantos a sua volta. Nenhuma indicação. Questionava o caminho que a maioria seguia, será que estão certos e por quê? Tentava se ver nos exemplos que o cercavam, mas se assustava vendo como as pessoas se prejudicavam, e o pior, prejudicavam mais ainda os outros somente para se sentirem vencedores, mais importantes, com mais poder. Detestava a frase “fulano é um vencedor, venceu na vida”. Que vitoria é esta que precisa ter tantos penduricalhos inúteis e precisar dos outros para as coisas mais



simples, será que sem precisar de nada e de ninguém não poderia ser importante e útil? Resolveu que seguiria seu próprio caminho, sem prejudicar ninguém, pensava mostrar uma alternativa para os outros mas, havendo erros que só prejudicassem a ele.

A busca por trabalho rendoso, visando seu veleiro, se testou em diversas atividades em terra e no mar. Assim, em terra seu pai arranhou-lhe vários serviços, ser camelô na feira de Caxias, vendedor de moveis, comerciante de roupa na Rua Da Alfândega e Madureira, gerente de loja de plásticos e utensílios em Ipanema, gerente de fabrica de bijuteria entre outras que o deixavam distante do mar e muito deprimido.

Buscando o aprendizado trabalhava e até ajudava nos barcos de conhecidos que tivessem algo para ensinar. Sentia-se útil quando alguém lhe pedia ajuda. Fazia-lhe bem. Com isto começou a conhecer todo tipo de barco. Frequentando clubes náuticos teve chances de trabalho, muitas viagens e regatas oceânicas. Treinou navegação, na época sem aparelhos sofisticados, o que desenvolveu a sua sensibilidade e intuição. Passou a viver de serviços e transporte de barcos, mas isto não daria dinheiro suficiente para ter seu grande veleiro em curto prazo.

Em 1962, ele e um amigo a construíram um pequeníssimo e precário veleiro pensando leva-los até Miami em busca de trabalho em mega yachts. Problemas na família do amigo frustraram a viagem e, a mudança de vida.

Conseguia regular veleiros de regata com sucesso e com isto alguns donos os emprestavam para ele competir. Assim participou em competições de varias classes ganhando algumas regatas e até campeonatos. Na verdade o que queria era se mostrar capaz e que não importando o barco, ele poderia ser rápido. Foi assim que participou de uma regata para varias classes com um barco emprestado que deveria estar com cinco tripulantes. Sozinho, levantou todas as velas fazendo malabarismos para manter o barco em pé. O barco bem leve chegou à frente de todos os outros, mas sem valer pontos por estar com a tripulação incompleta. Com isto se sentia compensado das discriminações sofridas, era o que lhe importava. Isto passou a incomodar alguns velejadores, mas Andreas erroneamente generalizava. Uma vez chamado no iate clube do Rio de Janeiro para uma regata alguém o parou e apontando para sua roupa disse-lhe que lá não podia andar assim, de bermuda curta. Olhou em volta e se viu igual aos outros. De novo se sentiu atingido, passou a querer provar que no mar era melhor que eles todos e que dinheiro não garantia sucesso. Não perdia chance. Havia uma classe de veleiros de regata, na época muito disputada, cuja associação era sediada no late e onde também permanecia a grande maioria dos barcos da classe. O presidente era um dos campeões e o outro era de um clube vizinho que Andreas frequentava. Sem ter barco próprio, caro e impossível na época, chegou em 2º numa competição importante, com barco emprestado. Nesta regata ele se livrou de um oponente, que com suas manobras atrasava os dois tirando-lhe a possibilidade de conseguir o 1º, induzindo-o a um erro humilhante que o deixou para trás. "Isto não vai ficar assim" Andreas ouviu. No momento que subiu no palco para



receber o prêmio, o presidente e campeão da classe chegou perto dele e lhe disse, “não pode ficar com o prêmio, entregue-o para associação da classe”, “por que”, “você não é da associação, não é dono de barco”. Recebeu os prêmios dele e dos dois tripulantes e não os devolveram, nem haveria por que. Atraiu mais rejeição, mas ele se sentia seguro, era melhor que eles. Queria provar isto. O dono do barco emprestado tinha se inscrito para próxima competição, não podendo vir o liberou para Andreas na última hora, que atrasado teve que improvisar o terceiro tripulante. Saíram em direção à regata, já iniciada, com tanto atraso que fez o juiz de partida perguntar se iria mesmo competir. “Sim” disse, e planejou com os dois tripulantes como fariam para recuperarem a distância dos outros 24 barcos que estavam bem à frente. Inspirado, com o barco bem regulado e com manobras constantes e certas, rapidamente foram se aproximando da flotilha passando-os um por um. Usando a corrente da maré, as rajadas de vento, e os erros dos outros a seu favor conseguiu alcançar os cinco primeiros. Agora ficava mais difícil, à frente estavam os melhores, era a oportunidade dele e faltava pouco para a regata terminar. Mais manobras certas com o barco correspondendo e passaram mais três sobrando os dois melhores da classe que estavam disputando o 1º entre si sem se preocupar com a aproximação dele. Andreas calculou quantas manobras cada um deles teria que fazer para cruzarem a linha de chegada e partiu para cima dos dois. Combinou silenciosamente a manobra final e arriscada com seus dois tripulantes e, “agora” gritou e colocou o barco entre os outros dois, numa posição que dentro das regras ficava com direito de passagem em cima de um barco e ao mesmo tempo impedia a manobra do outro o atrasando o suficiente para inacreditavelmente ganharem a competição por apenas, meio metro. Os juízes lhe deram um sorriso de aprovação que deixou Andreas exultante, estava realizado, feliz, tinha provado o que queria, tinha ganhado de todos. Não mais iria querer fazer regatas nesta classe, queria mais desafios, este o tinha superado. Nem foi receber o prêmio, foi festejar com seus tripulantes. Ficaram até tarde rindo da cara dos outros que com os bonitos uniformes com o nome dos barcos no peito perderam para eles que nem donos de barco e nem bem vestidos eram. O uniforme vestido era somente a força da intuição vindo de um conhecimento que sentia ter.

Com determinação, venceu desafios com bons resultados em trabalhos que lhe foram oferecidos, mas não conseguia imaginar-se trabalhando anos seguidos na mesma atividade pensando em juntar dinheiro e, no final aposentar-se para “aproveitar” a vida. Com certeza estaria com alguma doença, mais fraco e sem as mesmas vontades, não mesmo, não daria certo, observava os donos de barcos que o chamavam para viajar, fazer regatas, algum serviço ou simplesmente para ajudá-los a sair com os barcos. Dava pena ver um veleiro maravilhoso ser usado apenas alguns dias por ano por que o dono tinha todo tipo de problema, saúde, compromissos, família e principalmente a acomodação da idade. E o dinheiro não resolvia. “Se eles precisam de mim agora é por que esta é a melhor hora para tudo e vou aproveitar, quando envelhecer eu trabalho em terra, vou estar melhor de saúde que eles ou morto.”



“Farei o inverso” dizia quando alguém o perguntava que faria da vida. “Até agora não vi um exemplo coerente a ser seguido.” Uma coisa tinha certeza, o dinheiro não era certeza de sucesso, vontade e determinação eram mais valiosas para ser respeitado e queria ser o exemplo disto.

Um pensamento insistente era achar um navio antigo afundado com carga valiosa, um tesouro, e para isto aprendeu a mergulhar. Se profissionalizou em trabalhos submarinos. Assim, conheceu dois mergulhadores que também estavam em busca de cargas de valor, afundadas em Cabo Frio. O nome “Cabo Frio” mexeu muito com ele, o atraía, era irresistível. Nem ouviu os pedidos de sua mãe que, sem saber a razão, pedia para evitar esta cidade. Comprou um antigo motor de popa de 12hp e o adaptou no frágil veleiro multicasco de um deles. Sem mastro e feito de fino compensado deveria servir para começarem a ganhar dinheiro com pesca de lagostas e recuperação de metais e peças dos muitos navios afundados na região. O plano era adquirir equipamento para mergulhos profundos.

Objetivo, um navio alemão o “Wakama”, torpedeado pelos aliados em 1940, durante a 2ª guerra. Estava a 54m de profundidade, entre Cabo Frio e Macaé. Carregava entre outras cargas, níquel, estanho (800 ton) e diamante industrial em grande quantidade. Uma fortuna a ser recuperada, que Andreas querendo confirmar a existência, buscou em jornais da época e conseguiu informações a respeito da carga e até encontrou o comerciante de pedras que embarcou os cristais de rocha.

CAPITULO

Verão de 63, barco pronto, ele o amigo e mais dois passageiros de ultima hora resolveram partir. O pouco dinheiro disponível deu para abastecer de gasolina e levar alguma coisa para comer na viagem Rio- Cabo Frio. Sem sequer uma bussola o jeito era seguir a costa que chegariam lá. O forte nordeste os alcançou antes da metade do percurso com ondas muito altas que batendo na proa encheram o barco de água fazendo-o afundar rapidamente obrigando-os a pular para a água. Mas, sem o peso deles o barco de madeira voltou a boiar. Tirando a água de qualquer maneira conseguiram subir e continuar a viagem, depois de, com muita dificuldade, fazer o motor voltar a funcionar. Na segunda vez que o barco começou a afundar e, ainda faltando muito para chegar, todos esgotados, Andreas foi deixado sozinho. O resto da tripulação decidiu nadar até a praia a uns 200m, totalmente deserta na época. Ele dizia que não abandonaria o barco e o seu motor, tudo que tinha. Com muita dificuldade conseguiu pôr o motor a funcionar mais uma vez e seguiu em direção à ilha do Cabo. O barco mais leve, apesar da grande quantidade de água dentro, avançava melhor, e assim, depois de mais de 20hrs de leme, entrou no Arraial Do Cabo. Noite escura e tarde, ninguém na praia. Tudo molhado, sem roupa seca, água potável ou comida, jogou o ferro perto da praia e caiu no fundo do barco para tentar descansar com a água quase o cobrindo. Escorou a cabeça em alguma coisa para ficar acima da água e



dormiu. Acordou com a quilha batendo forte no fundo. A maré tinha baixado muito. Esperou um pouco, sentia-se febril, mas o barco seria destruído se nada fizesse. O motor, já tinha desistido de trabalhar. Talvez fosse o último esforço, mas mergulhou na água gelada, e pelo cabo do ferro conseguiu arrastar o barco mais longe da praia. “A força não provém da capacidade física e sim de uma vontade indomável” dizia Mahatma Gandhi.

Acordou de tarde com uma pedrada na cabeça. Seus companheiros de viagem, descansados alimentados e arrumados não queriam entrar na água e estavam jogando pedras para acordá-lo. Comentavam que ele estaria muito mal ou até morto pois já estavam chamando havia muito tempo. Deram-lhe bebida e sanduíches com mortadela de carne de baleia, comum na época e na região, mas o deixaram sozinho outra vez dizendo que neste barco não entrariam mais. Conseguiu chegar em Cabo Frio.

Barco e Andreas recuperados começaram logo a pesca de lagosta e cavaquinha com alguns bons resultados.

Época de fáceis e boas amizades conseguiram emprestada uma casa muito antiga, de 1840 aproximadamente, entre o centro e o bairro da Passagem, totalmente vazia. Sem água ou eletricidade. Parecia uma casa de fazenda, solta no meio de um grande terreno de areia e mato típico. Com ajuda de mais dois novos amigos interessados em ficarem durante as férias, Andreas e o amigo do barco a limparam, a arrumaram e se instalaram. Parecia tudo perfeito, com luz de lampião, e água das torneiras que havia nas ruas, onde muitas casas se abasteciam, naquela época em Cabo Frio. Na noite, um dia depois, Andreas chegando tarde, encontrou todos os colegas do lado de fora da casa agitados falando em barulhos estranhos que os acordaram. Acharam até que era brincadeira dele. Tentou os convencer que era o vento nordeste que mexia com a estrutura da casa, grande parte em madeira. Ninguém mais quis ficar sozinho a noite na casa. Andreas, que não acreditava, numa noite chegou sozinho e foi dormir. Acordou com barulhos de correntes chocalhando, ficou quieto e prestou atenção, vinha de baixo da casa. Gritou uns palavrões para os colegas e virou para dormir. Não conseguiu, as correntes estavam agitadas e bem claras. Pegou a lanterna e levantou em silêncio. Saiu da casa e correu em volta dela, não viu ninguém. Ajoelhou e iluminou através das grades das pequenas janelas da parte de baixo da casa. O porão era estranhamente baixo e tinha argolas de ferro penduradas nas paredes de pedra. Para que serviria um espaço destes, tão baixo, 1,20m se tanto, e as argolas e o chão de areia? Que animais precisariam ser presos num lugar assim? Convencido do barulho das correntes, que só ele ouvia, no dia seguinte foi conversar com o proprietário, já idoso, que não quis entrar em detalhes. Soube que a casa tinha sido do seu avô e que ninguém a usou depois dele. E as argolas? As argolas eram para prender as correntes dos escravos do seu avô. Que lugar terrível, quanto sofrimento deve ter havido ali!

1* 2*



Mas, como acontecia isto? Lembrou-se de Albert Einstein “existe um mundo igual e paralelo ao nosso, em outra dimensão”. Por que só alguns ouvem? Tinha certeza que descobriria, apenas não era a hora.

Conseguiram outro lugar para ficar, mas logo em seguida, o motor teve um problema irremediável. Andreas e o amigo do barco logo ficaram sem dinheiro. Cabo Frio não tinha trabalho para eles, comiam peixes pequenos que pescavam na entrada da barra e que às vezes trocavam por frutas para variar. O mar muito agitado atrapalhava a pesca em lugar melhor e acabaram ficando uns 20 dias só com bananas maduras que o dono da quitanda dava. Foi uma época sem outro tipo de problema a não ser o que achar para comer, mas inesquecível em paqueras na praia, longos papos na praça do centro e principalmente boa camaradagem, se sentiu feliz. Não falavam de comida com ninguém, por vergonha. O jejum acabou no dia que o prático do porto do Arraial do Cabo os chamou para acharem a ancora de um navio. Além do pagamento receberam o convite para almoçar com o comando do navio. Foi vergonhoso, raspavam a bandeja de comida e o capitão e os oficiais tiveram que comer a comida simples da tripulação que o cozinheiro, mal humorado, trouxe.

1* Hoje é o Bairro Marlin e a rua Mestre Vivim.

2* As praias de Cabo Frio foram muito usadas, pelos traficantes, para desembarque do contrabando de escravos e este era um dos vários depósitos da região. (Pôr datas) a escravidão já era proibida pelo mundo. No Brasil fingia-se que os traficantes eram perseguidos para satisfazer os ingleses que eram implacáveis com o tráfico. Era “para o inglês ver”.

Vendendo parte do material de mergulho voltaram para o Rio e se apresentaram a uma boa firma de mergulho que os contratou. Começou uma fase em águas diferentes. Águas sujas, sem nenhuma visibilidade às vezes. Mergulhou muito em represas hidroelétricas, em oleodutos submersos, fez vistorias, fez reparos no cais do porto do Rio depois de batidas de navio, aprendeu muito e se arriscou também. Queria aproveitar o equipamento e mergulhar em navios afundados sonhando com algum achado de valor, mergulhou em alguns, sem importância. Insistiu para mergulhar nos restos do navio “Magdalena” afundado em 1949, na entrada da barra da baía da Guanabara. As únicas peças de algum valor eram as bonitas vigias presas no casco com vários parafusos. A parte da proa, que tinha se separado da outra metade do navio quando rebocado, após bater na laje das Tijucas, estava de lado, e já se desmanchando, no fundo de lama a 14 metros de profundidade. A correnteza neste



local é forte e com um pouco da ressaca deste dia dificultava manter-se parado para tirar os parafusos, além do preocupante balanço da parte do navio que ele estava. Tendo tirado duas vigias, estava na terceira quando resolveu enfiar a perna no buraco do casco para conseguir se firmar. Sentiu quando alguma coisa pesada se deslocou prendendo o calcanhar e o resto do pé. Não conseguia mexer a perna nem tirar, não doía, mas ficou toda dormente. Demorando a subir seu colega desceu pelo cabo guia em apneia, e tentou ajuda-lo, mas sem poder acessar o outro lado do costado do navio era impossível, e o pior é que no dia só tinham levado equipamento para um mergulhador. Andreas tranquilizou o amigo fazendo sinal que conseguiria, deu-lhe ar e o mandou subir. Sem perder a calma concentrou-se e começou puxar a perna com as duas mãos rodando o corpo de um lado para o outro, não sentia dor, mas sentiu se cortando. A perna se soltou com a roupa de borracha rasgada sem a nadadeira e sangrando muito. Subiu no barco com ajuda e teve que aceitar a bronca dos outros. A ferida não tinha sido grande, sentiu-se protegido.

Queria voltar para Cabo frio e precisava juntar dinheiro para comprar um barco de pesca. Os mergulhos profissionais rendiam muito pouco e eram arriscados às vezes. Na limpeza de uma tubulação, de um navio usina elétrica, que ele mal cabia no diâmetro, faltou ar por erro do operador do compressor. O tubo com 16 metros de comprimento tinha que ser percorrido até o final onde se alargava permitindo dar a volta do corpo para nadar em direção à saída. Andreas ainda tinha que arrastar a mangueira de ar que o impedia de nadar rápido, mas não a soltou na esperança de voltar a ter ar. Quando deu a volta a falta de ar já era forte, no meio do caminho para saída sentiu que não ia conseguir e abriu a boca para deixar a água entrar, a laringe fechou, não se entregando continuou nadando, mas começou a sentir que ia desmaiar não raciocinava com clareza, teve miragens, viu a claridade fora do tubo e levantou o braço. Voltou a respirar quando o operador, puxando-o rápido pela mangueira, parou com Andreas batendo forte com o peito na borda do flutuante com o equipamento. Levou algum tempo para se recuperar. Desta vez tinha chegado próximo demais.

Ainda em 1963, foram chamados em emergência para mergulhar na represa da Pampulha, em Belo Horizonte. A comporta tinha sido aberta e na tentativa de fechar, o mecanismo mal projetado quebrou. A água, escassa na época por falta de chuvas, vazava rapidamente. Sem estudarem a planta os funcionários jogaram sacos de areia em frente da comporta na tentativa de vedá-la. Com a pressão de uma profundidade de 15 metros o vazamento era violentíssimo. Os sacos caíam em cima de uma construção de concreto com grades na frente da comporta, a antecâmara. Mais de 1300 sacos foram jogados sem resultado, eram destruídos pela força da sucção e a maioria deve ter passado pela abertura que sequer sabia-se o tamanho. Um mergulho nestas condições era muito arriscado qualquer descuido e seria sugado contra as grades com que consequências, não se sabia. A torre da comporta tremia com a passagem da água, o barulho, que se ouvia longe, assustador. O que um homem poderia fazer manualmente nestas condições? A água barrenta impedia totalmente a visibilidade, qualquer trabalho tinha que ser feito no tato, o medo era grande. Não



podiam simplesmente dizer que seria impossível. Algo tinha que ser tentado. Estudaram o projeto da comporta e começaram a planejar o mergulho até ela.

Nestes dias de indecisão, um rapaz pulou do alto da torre e sumiu na água por alguns segundos, voltando a superfície acenou na direção de Andreas e dos colegas e desapareceu. Nadaram rápido na direção dele, mas não conseguiram achá-lo causando grande mal estar. Alguém veio com um bilhete na mão, achado no carro do rapaz. Nele ele pedia desculpas por tudo, era um suicídio. Seguiram-se dias movimentados com bombeiros, familiares, curiosos e equipes de repórteres, TV, misturando notícias do vazamento da represa com o desaparecimento do corpo. Os bombeiros obrigados a mostrar serviço mergulhavam em qualquer lugar menos perto da torre, por terem sido avisados do perigo. Pensando na possibilidade do corpo ter sido sugado e despedaçado, dava arrepios.

Com as medidas do local conhecidas resolveram mergulhar com dois cabos de segurança, um como guia com três marcas de aviso e o outro amarrado no corpo, além da mangueira de ar.

O corpo do suicida subiu a superfície no quarto dia longe da comporta, voltando a paz no local.

Andreas, decorando os detalhes do desenho foi o segundo a mergulhar na comporta para tentar achar uma solução. Parou sobre a antecâmara, e tateando empurrou alguns sacos de areia na direção da sucção. O ruído mudava por segundos enquanto eram destruídos e totalmente sugados. Deitado no espaço livre dos sacos no teto da antecâmara esticou o braço com cuidado e pôs os dedos e depois a mão para sentir a sucção na frente das grades que tinham um espaço de 15cm entre elas. Com alguma força conseguia controlar a mão. De repente a inspiração, saiu da água eufórico com a ideia.

“Bolas, bolas” repetia, por que não, bolas de madeira com pesos embutidos nelas para afundarem que jogadas na sucção se acomodariam na abertura da comporta sozinhas pela força da pressão. Era simples demais para funcionar, os outros disseram, mas resolveram tentar.

Primeiro tinham que saber o tamanho da abertura que era calculado entre 20 e 30 centímetros. Numa carpintaria Andreas pediu 4 bolas, feitas no torno, e pintadas de 4 cores diferentes e com diâmetro de 22, 24 26 e 28 centímetros. Enquanto isto começaram a serrar a 1ª barra da grade, protegidos pela lateral da antecâmara e assim terem um espaço de 30x30 cm. Foi a parte mais difícil e demorada, as laminas de serra quebravam as vezes na 1ª tentativa, não havia como firmar o braço esticado que tremia com o forte fluxo da água. Foram usadas mais de 150 laminas e vários arcos de serra foram sugados, além de nadadeiras e até uma máscara, mas conseguiram. A água que vazava passava através de um longo túnel embaixo da barragem da represa e desaguava no rio ao lado do aeroporto de Belo Horizonte. Foram postadas pessoas nas margens que deveriam apanhar as bolas que passassem. Recolheram três, a abertura



era exatamente 24cm, a de 26cm foi decepada com precisão, na batida contra a comporta.

Torneadas algumas bolas com 28cm e muitas menores de vários tamanhos e até bem pequenas. Foram jogadas as grandes depois as menores que iam se encaixando nos espaços entre as primeiras. O vazamento diminuía aos poucos, até que de repente com as bolas bem pequenas jogadas em grande quantidade de uma vez ouviu-se um estrondo, e fez algumas pessoas que observavam tudo de cima da torre que tremeu, saírem correndo com receio de um desabamento. O vazamento passou a apenas uns filetes de água.

Retiradas as grades, foram substituídas por peças de madeira com vigas de ferro os “stop log” que vedam melhor, permitindo o trabalho a seco, da equipe de reparo.

Com a falta de chuvas e o vazamento, a água da represa tinha baixado para uns doze metros de profundidade no local. A área onde os sacos de areia tinham sido jogados precisava ser dragada, ainda tinha alguns inteiros.

A dragagem foi feita com sistema Venturi, um tubo de ferro com 12cm de diâmetro e 1 metro e meio de comprimento ligado a um mangote de borracha com uns 25 metros de comprimento. Perto da entrada do tubo de ferro é encaixada uma mangueira de ar com um registro rápido abre-fecha. O ar subindo à superfície provoca forte sucção de tudo que estiver na frente do tubo. Através do mangote é jogado longe. O compressor, que ficava em terra, era demasiadamente possante e o operador tinha ordens de mandar menos ar. Varias vezes tinham pedido para abrir menos, o Venturi ficava incontrolável e perigoso com muito ar, principalmente se entrasse algum objeto no tubo e entupindo-o impedisse a saída do ar para superfície. Aconteceu com Andreas, por que de novo com ele? O tubo e o resto pesava entre 40 e 50 quilos, mas era muito leve em funcionamento com o ar bem regulado, e tinha uma alça que passando o braço dava mais controle. Se entupisse, fechando o registro do tubo a pedra ou outra coisa se soltava. Andreas sentiu o aumento do ar e pelo cabo guia fez o sinal pré-combinado para diminuir, não deu tempo, entrou algo que fechou por completo a subida do ar, invertendo-o. Saindo pela entrada do tubo se transformou num jato possante levando Andreas, sem tempo de se desvencilhar da alça e nem alcançar o registro, em segundos á superfície. O ar nos pulmões, sob pressão e mais do dobro do volume normal, por causa da profundidade, estufou perigosamente o peito dele, e apesar de manter a boca aberta para sair, dava para sentir a roupa e o cinto de chumbo apertando o corpo dele. Quem o viu saindo da água preso no tubo do Venturi, garantiu que voou pelo menos dois metros acima da superfície. O operador assustado imediatamente fechou o ar, foi o pior, o grande peso arrastou o Andreas para o fundo na mesma velocidade chegando com o peito afundado, e os ouvidos doendo muito, mesmo tendo tentado compensa-los. Seus colegas pularam para a água e o ajudaram, estava muito atordoado e tossindo, saía um pouco de sangue pela boca. Levado para o hospital não acusou nada grave no raio X. Protegido de novo ou sorte? Teve que parar alguns dias. O bom preparo físico o ajudou na recuperação.



Por força do contrato com a Prefeitura, tinham que mergulhar três horas de manhã e três de tarde, e Andreas voltou a mergulhar, mas a pedido dos colegas ficava deitado em cima da antecâmara aonde as vezes chegava a dormir durante seu horário.

Voltando para o Rio pediu emprestado um pequeno veleiro de cabine e abastecido com água e comida sumiu por 12 dias pela baía de Guanabara e fora dela, velejava de dia e parava onde pudesse para dormir. Precisava muito disto, precisava ficar com ele mesmo, sozinho. A temporada de água suja tinha que acabar, não compensava e a firma não queria dar aumento, pediu demissão, desagradando o dono.

No início de 64 no Rio, conseguiu convencer o dono de um pequeno barco de pesca, com problemas no motor, a vendê-lo em 7 prestações sem entrada. O proprietário, um advogado inflexível e duro, o fez assinar um contrato em que Andreas devolveria o barco se atrasasse apenas 4 dias do vencimento de cada prestação, até a última, sem nenhuma indenização, e ainda riu com sarcasmo olhando para os olhos dele. Andreas se sentiu desafiado, “ele não me conhece” pensou e saiu do escritório do homem, friamente.

Passou a morar na pequena cabine do barco e trabalhando dia e noite desmontou o motor. Procurou peças em ferro velho, adaptou outras, pediu ajuda e conseguiu fazer uma reversão (caixa de marcha marítima) nova.

Com o pouco dinheiro que sobrara, abasteceu o tanque, comprou comida e tentou sair para Cabo Frio. Quando ligou o motor o forte barulho das engrenagens novas da reversão assustou quem estava no cais do clube Guanabara, em Botafogo. Chamaram Andreas de louco de viajar assim, e avisaram o serviço de salvamento que ficava ao lado. Acuado Andreas disse que revisaria o motor. De noite sem ninguém por perto colocou panos molhados em volta da reversão para abafar o barulho, ligou o motor e partiu sozinho.

Durante as primeiras horas ele tinha que jogar água em cima da reversão para esfriá-la, parecia que iria derreter de tão quente, mas como previsto as engrenagens foram se desgastando e encaixando melhor uma na outra e o barulho e a temperatura diminuía. Viajou a noite toda, cansado cochilou algumas vezes no leme. Entrou no Arraial do Cabo manhã cedo e parou na praia quase sem combustível. Ofereceu o barco para aluguel e conseguiu um bom frete. Desta vez a sorte lhe sorria.

Conseguia pagar as prestações com aluguel, pesca e mergulho em navios afundados, as vezes sozinho o que era muito arriscado. Mas, chegou um mês que não tinha conseguido juntar o dinheiro e faltavam dois dias para perder o barco. Decidido e sem ninguém para ajudar levou o barco em cima de um navio afundado na ponta da Jararaca no Arraial do Cabo onde o mar batia muito. Jogou o ferro e mergulhou com o compressor funcionando sem assistência. Amarrou o cabo do ferro numa parte do navio para ficar mais seguro e começou a procurar peças que pudesse vender em ferro velho. Tubulação de cobre, metais, chumbo, bronze. Amarrava as peças num cabo guia e subia no barco para puxá-las. Precisava mais, algo mais pesado. Viu nos restos da



casa de maquinas do navio, a uns 12 metros de profundidade, um eixo bem grande em cima das pedras. Nele estavam presos dois mancais de bronze especial enormes, em torno de uns 50 quilos cada, com eles pagaria a prestação. Os parafusos de aço que os prendiam no eixo estavam muito corroídos e não havia ferramenta que pudesse servir. Andreas usou talhadeira e marreta sem resultado, estava ficando ansioso, o vento tinha aumentado e com as ondas crescendo, o barco, que estava perto das pedras, poderia ser destruído. Com a água clara, olhando para cima via a silhueta do casco balançando a pouca distancia delas. Pensou nas consequências e na devolução do barco, no que tinha perdido quando criança. Precisava de uma ideia, foi para ponta do eixo e tentou levanta-lo, devia pesar bem mais de 500 quilos ele todo, nem mexeu. Sentiu desespero e raiva, é tudo ou nada, “eu posso” “eu posso” gritava, saindo grandes borbulhas de ar do bocal. Fechou as mãos em torno do eixo, abaixou dobrando os joelhos tomou o maximo de ar que podia e levantou a ponta do eixo esticando as pernas deixando-o cair em seguida em cima da pedra com um barulho seco. Um dos mancais mexeu do seu lugar, mas não soltou. Veio a inspiração, o eixo estava em cima de uma pedra chata tipo laje e para baixo mais fundo como se fossem degraus, era tudo pedra até uns 20 e poucos metros de profundidade. Conseguiu levanta-lo de novo e de novo até levar uma das pontas para fora da laje. Em seguida foi fácil, num grito empurrou a outra ponta para fora. Sentiu a vibração e o som das fortes pancadas, a água ficou sem visibilidade por causa da suspensão da ferrugem do eixo e as incrustações arrancadas das pedras. Desceu para ver, ansioso. A mangueira de ar não chegava lá, faltava uns 3 ou 4 metros. Tirou ela da cintura tomou ar e a prendeu em volta de uma pedra. Os mancais estavam soltos no fundo em 2 partes cada. Levou tudo mais para cima e depois as puxou para o barco. Saiu de lá tarde, escurecendo, cansado, mas cantando e falando sozinho.

Calculou tudo em mais ou menos 130 quilos. Tinha que vender num ferro velho do Rio, na Praça da Bandeira, que pagava bem.

Sem carro, tinha que ser de ônibus, o primeiro do dia seguinte, no último dia do prazo. Tinha dois sacos do exercito antigos e fortes, eram suas malas. Dividiu o material nos dois e tentou leva-los, impossível tinha que ser um de cada vez. O cheiro podre das incrustações nas peças já era percebido a distancia. Andava com um deles alguns metros e o deixando á vista, voltava para buscar o outro. Colocou os dois no bagageiro do ônibus para Niterói, implorando ao motorista que reclamava. *(não tinha a ponte)Da rodoviária demorou mais de uma hora para chegar com o peso até as barcas, uns 2 quilômetros. O ônibus local não aceitava leva-lo. No Rio, o jeito era um taxi, sem dinheiro fez um acordo com o taxista, um português idoso, o único que aceitou a historia dele. Vendeu tudo e conseguiu o dinheiro para prestação com mínima sobra para volta. Entrou suado, sujo e cheirando maresia no escritório do advogado com dinheiro na mão e um sorriso de vitoria no rosto. O homem, que descaradamente torcia contra ele, ainda reclamou do atraso, devolveu a promissória para Andreas que disse “só faltam duas”. Saiu na rua feliz, queria voar, se sentia um super homem. Festejou comendo uma bisnaga de pão com queijo barato e café com leite. Vivendo no



barco sem fogão nem banheiro a alimentação era bem simples, geralmente a base de sanduíches, e quando podia uma sopa noturna bem barata, feita com as sobras do almoço, dito pelo dono, num dos raros restaurantes em Cabo Frio daquela época.

Dias depois soube por conhecidos, que o dono da firma de mergulho com equipamento apropriado tinha estado no navio do eixo, para levanta-lo, aproveitando a melhora do vento. “Só conheço um capaz de fazer isto, o fdp do Andreas” comentou irritado com a viagem perdida. “Deve ter se arrependido não ter dado aumento” Andreas comentou.

Mais respeitado na profissão foi convidado a participar dos trabalhos de recuperação do carregamento de moedas de ouro e prata da fragata inglesa “Thetis” afundada em 1835 num temporal na ilha do Cabo. O barco usado, grande e de pesca, tinha vindo da Guiana Francesa com equipamento para mergulho e com um mestre frances, animado e sempre sorridente. Um dos donos era americano, mergulhador e pesquisador, o outro italiano, mergulhador antigo, colocava explosivos nos navios dos aliados na 2ª guerra, um mergulhador português e campeão de natação e Andreas que animado ficou sonhando com o dinheiro para seu veleiro.

Para terem capital para as buscas do tesouro, tinham que procurar peças para vender. Assim conseguiram uns 1500 quilos de cobre entre outros materiais. Recuperaram 29 moedas de prata, alguns botões de farda cobertos de ouro e alguns objetos pessoais. Andreas aproveitou para aprender a usar dinamite com o sabotador italiano, mas o trabalho teve que parar por que o barco foi requisitado para um serviço no norte do Brasil. Ganhou algum dinheiro tirando peças em outros navios, usando pequenas porções de dinamite (na época sem muitas restrições). Com a parte dele no cobre, se livrou do dono do barco, pagando a duas ultimas prestações.

Um dia mergulhando com um grupo de turistas em um naufrágio na ilha dos Franceses no Arraial do Cabo, os aproveitava para ter ajuda na recuperação de peças, entrou um forte vento sudoeste. Precisavam sair rápido, antes de o mar crescer muito, os seus passageiros estavam assustados. Passando pela ponta da ilha ouviu um grito trazido pelo vento, parou o barco e ouvindo de novo viu longe na água uma cabeça e uma mão acenando. Foi na direção, e com os outros reclamando jogou o ferro e pulou para a água. Era um mergulhador com o cilindro de ar vazio e uma enorme groupa entocada, presa no arpão. Andreas pediu-lhe para larga-la e subir no barco rápido, mas ele teimou em tira-la da toca pondo em risco o barco mal ancorado e os outros. Conseguiu com ajuda de Andreas, e subiu no barco cansadíssimo. Era um homem estranho, Nilo falava pouco e tinha feições de índio. O barco que o acompanhava, tinha sumido. Andreas viu bem longe um barco indo em direção a Arraial do Cabo e o alcançou, eram os companheiros dele indo buscar ajuda para acha-lo. Atitude errada, não o achariam vivo naquelas condições de mar. Teve um bate boca, com eles acusando Nilo de ter ido na direção errada da combinada de baixo d'água e ele dizendo ter sido abandonado. A sociedade deles acabou aí mesmo e ele perguntou Andreas se o aceitava como sócio para pesca de cavaquinhas e lagostas. Começou uma



fase rendosa de mergulho para os dois, compraram um furgão para levar a pesca para o Rio e passaram a fornecer aos melhores restaurantes da época no Rio. Pescavam em média mais de 250 quilos por semana. Variavam os lugares de pesca e só pegavam adultas, assim durante dois anos não faltou pescaria. A maior pescaria de cavaquinhas num dia foi deles 224 quilos. Neste dia o vento sudoeste estava muito forte e Andreas resolveu mergulhar num lugar diferente perto do Focinho do Cabo, numa pequena caverna. Só nela tirou mais de 140 quilos. Os poucos mergulhadores na época em Cabo Frio nem acreditavam no que viam. 1* (hoje estes números são inimagináveis).

Alugaram uma pequena casa, compraram um barco maior com motor novo, substituindo o barco de Andreas. Nilo com 7 filhos mudou de casa no Rio. Andreas comprou outro motor para o barco dele. Comprou um carro. Começou a se distrair um pouco saindo para jantar sempre bem acompanhado, e apareceram muitos “amigos”, atraía inveja. Nunca tinha feito isto antes, estava deslumbrado, mas procurava moderar. Pensava nos dias apertados e comparava a vida como um barco numa travessia oceânica. Depois do temporal vem dias bonitos para serem aproveitados, mas um novo temporal sempre virá e precisará de recursos para atravessá-lo, o barco tem que estar preparado, a tripulação atenta. Nada em nada é para sempre, mudará, tem que evoluir.

Um dia no Rio, um repórter da revista “O Cruzeiro” (muito popular na época) e velejador conhecido de Andreas pediu para fazer uma grande reportagem com eles. Gostando da ideia, por vaidade aceitaram. Os números divulgados aguçaram a ganância de vários mergulhadores de outras cidades que foram a Cabo Frio para fazer o mesmo. Sem conhecerem os pescadores, passaram a segui-los com barcos mais rápidos, e mesmo despistando-os, os lugares foram sendo descobertos. Sem nenhum critério de preservação raspavam tudo. Pouco a pouco esta atitude começou a fazer efeito e a pescaria a diminuir. Os bons clientes eram poucos e alguns mergulhadores para vender, abaixavam os preços. As condições foram ficando difíceis.

Buscando alternativas paralelas, começaram a pesca de cação com espinhel. Contrataram mais um pescador para ajudar. Andreas não gostou dele, não o queria de jeito nenhum, Nilo gostava de arriscar e o manteve.

Numa excelente pescaria deram um dinheiro extra para o novato e foram levar o pescado para o Rio. Na volta, dia seguinte, Andreas foi dar uma olhada no barco deles, não o viu no cais. Muito surpreso e assustado foi perguntar o dono do quiosque ao lado, “cadê meu barco” “uê, você não sabe?” “o que?” “seu barco afundou” “quem, como, aonde”, o homem, jurava depois que viu o cabelo do Andreas ficar arrepiado igual um animal. “O pescador novo, comprou 5 litros de cachaça aqui, chamou uns amigos e saíram barra fora, quem os salvou foi o seu Leo”.

Seu Leo, pescador antigo e amigo do Andreas, os viu passaram por ele a toda velocidade e foi atrás com a certeza que Andreas não usaria o barco assim. Menos rápido, ainda viu de longe o barco afundar no costão da ilha Comprida, umas 4 milhas



de Cabo Frio. Tirou os 4 bêbados da água e apesar da idade e ser mais fraco quis bater neles, dizia que só os salvou para Andreas acabar com eles.

Andreas pensou no barco e no equipamento deles que estava no porão. O motor novo, os cilindros de ar, reguladores, roupas de mergulho, máscaras, nadadeiras material de pesca e tanta coisa mais, tudo perdido agora, teria que começar tudo de novo?

Nilo, sempre estranho e calado, quase não reagiu. Andreas tomou a frente sem demora. Sabendo que o lugar não era fundo combinou com seu Leo de irem até lá e tentar recuperar o barco. Levaram 6 tambores de aço de 200 litros, cabos de nylon e alguns pedaços de vergalhão. O italiano, sabotador de navios, nos ensinamentos dele, tinha falado sobre como levantava pesos do fundo. Andreas mergulhou apenas com uma máscara emprestada e sem nadadeiras, entrou no porão do barco a 12 metros de profundidade. Recuperou o material necessário para usar na operação e enchendo os tambores de água os arrastou para perto do barco. O tambor era amarrado de cabeça para baixo no barco. A outra ponta do cabo amarrada no pedaço de vergalhão que enfiado pelo bocal era atravessado para não sair. Com os cilindros de ar passou a injetar o ar para dentro do tambor que se expandindo no seu interior expulsava a água fazendo-o flutuar com uma força de quase 200 quilos. O barco aos poucos foi subindo, acelerando para superfície no final.

Com o mar agitado, começou um reboque sofrido de mais de 8 horas com o barco sumindo e aparecendo na superfície. Às vezes parecia que não voltaria. Dentro do canal de Cabo Frio o barco encalhou tarde da noite. Tudo teve que ser repetido, os tambores amarrados mais embaixo, para o barco flutuar mais alto. Chegando ao estaleiro foi posto no seco.

Andreas com tristeza, desmontou o motor ainda novo, para limpar e substituir algumas peças. Remontou e conseguiu funciona-lo, estava recuperado. O barco precisava de concertos no casco e o outro estava no Rio, ainda sem o motor. De repente tudo parado. Pensava no causador de tudo isto, que tinha sumido, e aos poucos foi amansando o coração, nada de vingança, não queria mais este problema, iria se reerguer.

Nestes dias a mãe de Andreas que morava com o pai e a irmã no Rio teve um problema de saúde. Andreas foi vê-la e soube de sérios problemas financeiros do pai no comercio dele. Envolveu-se com agiotas e estava correndo risco, e ainda usou o nome de Andreas que era quase igual e fácil de confundir para fazer mais dividas. Foi uma das causas da doença da mãe, quando viu chegar a casa, cobranças e mais cobranças de dividas em nome do filho.

Andreas vendeu o carro, com prejuízo, para ajudar o pai, que dizia não dever muito, mas mentia. Fez acordos para pagar as dividas em seu nome, teve que conseguir mais dinheiro, pagando juros, mas também não resolveu. Vendeu sua parte da sociedade ao Nilo, em prestações.



Era início de 66, tinham passado apenas 20 dias desde o naufrágio do barco e a tempestade continuava. Nilo era péssimo motorista, nunca dirigia o furgão, na 2ª viagem para Cabo frio sem o Andreas, bateu de frente com um ônibus. Na batida, sua porta abriu e foi ejetado a distancia, salvou-se, mas os dois que o acompanhavam, infelizmente não. Perdeu carro e muito material. Teve que passar algum tempo se recuperando, Andreas nem pensou em lhe cobrar dívida.

Meses depois soube que Nilo tinha sumido mergulhando na Ponta Leste da ilha do Cabo nas mesmas condições que Andreas o achou na ilha dos Franceses. Andreas lembrou as inúmeras vezes que pedia para ele não mudar de direção sem avisar. Nem corpo dele foi achado.

Seu pai era muito diferente de Andreas. Megalômano, mau pagador e estressado como a maioria dos gregos, ainda mantinha uma amante. Tinha um comercio no 2º andar de um prédio velho na Rua D'Alfândega no centro do Rio. Foi conversar com ele sobre a situação e falou sobre o uso do seu nome indevidamente, e sobre a amante e suas dividas, seu pai não gostando ficou extremamente irritado e começou a bater violentamente em Andreas que não reagia, apenas lhe dizia que estava agindo irracionalmente, que estava errado. Chegando ao ápice do descontrole seu pai pegou uma arma da gaveta da sua mesa e virou-se ameaçador para ele gritando “você não é filho meu”. Andreas correu para a escada, desequilibrou-se e rolou todos os degraus dos 2 andares, chegando ao meio da estreita rua, apinhada de gente que se afastavam assustadas de perto dele. Levantou-se cambaleante, muito dolorido e com a roupa rasgada, suja. As pessoas olhavam para ele, queria se esconder, mas não tinha onde, sentou-se no meio fio e com as mãos escondendo o rosto chorou. Lembrou-se da vergonha da porta fechada pelo colega da escola. Lavou o rosto num bar e foi para casa de sua mãe pegar tudo dele, voltaria a morar no seu barco, ancorado em Botafogo. Sabendo da historia, sua mãe e a irmã não quiseram ficar com seu pai.

Andreas alugou um pequeno apto para os três e tentou recomeçar sua vida profissional preparando seu barco. Com pouco dinheiro outra vez, adaptou o motor no barco ao mesmo tempo em que fazia outros serviços. Mas a tempestade continuava impiedosa, sem perder força. O motor comprado de uma firma de motores marítimos, com garantia, apresentou um serio problema de funcionamento Andreas foi à loja que a encontrou fechada. Conseguiu o endereço do dono que prometeu substituir a peça com problema, seria só esperar encontra-la. Nunca foi encontrada, não existia no mercado, o homem sabendo que ia fechar vendeu de qualquer jeito e sem poder garantir. Andreas fez de tudo para cobrar, sem resultado. Culpou a si mesmo por ter confiado na pessoa errada. Conseguiu com adaptações funcionar com o barco precariamente, mas o motor o ocupava mais que o trabalho em si. Numa pescaria de linha, ficou dois dias a deriva longe da costa, concertando o motor para conseguir voltar. Sem dinheiro para comprar outro motor preferiu vender o barco.

Buscou outros trabalhos, voltou a fazer serviços em barcos e com dificuldades pagava as divida assumida do pai, que não via mais. Velejava e participava de regatas



oceânicas sempre que podia. Os “amigos” sumiram e um deles lhe disse que ele não fazia mais parte do grupo “você está duro”. Desta vez entendeu que apenas era mais uma lição.

Um antigo cliente de suas pescarias, com três restaurantes, o convidou para ser o comprador dele. Abastecia-os e fazia trabalhos extras para outros donos de restaurante com o furgão emprestado. Comprava pescado no mercado da Praça Quinze, de madrugada, e revendia com algum lucro. Às vezes tinha prejuízo. Mas incomodou os grandes fornecedores, e foi muito ameaçado, com bilhetes no carro que usava. Se insistisse, teria problemas sérios, diziam os bilhetes. Sentindo-se vigiado tentou mudar de atividade, e aceitou revender champignons frescos, em grande quantidade, para os restaurantes do Rio. Tinha quer ser vendida no mesmo dia por ser altamente perecível. A mercadoria vinha de São Paulo de avião e mesmo ganhando 100% era a metade do preço do mercado. Não demorou muito a mexer com o mercado e o preço foi baixando até que não compensava mais. Além disto os comerciantes do ramo conseguiram engana-lo com um falso pedido que lhe causou grande prejuízo. Não queria este tipo de vida, não via vantagens nesta competição doentia por causa de dinheiro a qualquer custo. Continuava sonhando em achar seu lugar ideal. Queria se afastar ir para um lugar pequeno que conhecesse todos e soubesse em quem confiar. O veleiro seria o meio para conseguir isto, fantasiava.

Conheceu dois americanos com um sócio brasileiro que tinham um bom contrato para venda de camarão para EU. Tinham construído um frigorífico de congelamento no Rio e precisavam de alguém para gerencia-lo dando sociedade. O problema seria conseguir a quantidade suficiente de camarão, para cumprir o contrato. Andreas aceitou mais este desafio e saiu em busca de camarão. Voltou para o mercado de peixe fez contatos e não teve boas notícias, a quantidade disponível era pequena e se comprasse muito o preço dispararia inviabilizando a exportação. Resolveu ir para Parati, na época com acesso só por mar, via Angra dos Reis. A única estrada, de terra perigosa e pouco usada, subia pela serra para Cunha, cheia de curvas, estreita e com trechos longos que só passava um carro. Quem subia voltava de ré por quilômetros para dar passagem. Só podia ser usada de dia e com tempo seco. Havia muito camarão, mas sem a facilidade de escoamento, desestimulava a pesca. Andreas com dinheiro dado pelos donos do frigorífico se instalou num quarto alugado e alugou uma salga de peixes desativada para gelar e estocar o pescado. Fretou um barco para buscar gelo na Marambaia, onde tinha uma fábrica de gelo e uma escola de pesca. Em pouco tempo incentivou alguns pescadores a lhe venderem camarão, mas tinha que comprar também o peixe capturado junto. Fretou outro barco para levar a primeira leva para o mercado de peixes do Rio onde venderia tudo para testar o esquema. Vendeu uma tonelada de pescado e melhorou a infraestrutura em Parati. Os sócios ansiosos queriam resultados mais rápidos e Andreas desta vez comprou mais de 1600 quilos. Acertou com os donos de outro barco, único disponível, saírem de manhã para o Rio. Com péssima manutenção o motor falhou e Andreas correu para a opção da estrada. Ofereceu pagar bem para o único que aceitou fazer a viagem, carregaram e partiram. Com muitos



trechos arriscados, às vezes a carroceria do caminhão raspava no barranco para poder caber na estrada, principalmente nas curvas, do outro lado o abismo sem nenhuma proteção. Quando chegaram inteiros no asfalto chegaram a festejar, agora seria tranquilo. De repente, uma caminhonete cheia de trabalhadores rurais cruzou a estrada na frente deles, obrigando o motorista do caminhão a desvia-lo violentamente. Deslocada a carga na carroceria, fez o caminhão ficar em duas rodas até parar equilibrado de lado. Ninguém se feriu. Andreas, primeiro a sair, ajudou os outros, e foi ver a carga, que ainda estava segura pela lona. O caminhão balançava perigosamente para completar a capotagem. Tinha que soltar a carga para o caminhão voltar na posição certa. Soltou a lona e caixas de camarão e de peixe se misturaram no asfalto e no acostamento, um caos. Com mais ajuda puseram o caminhão em pé, mas não dava mais para confiar em viajar nele. Andreas pediu carona à patrulha rodoviária até Guaratinguetá para arranjar outro. Já noite, era difícil conseguir e tentou de casa em casa de donos de caminhão que o patrulheiro conhecia. Na ultima casa uma surpresa, chamando pelo dono, quem abriu a porta foi uma moça muito bonita, que olhando para ele se assustou. Andreas sujo e cheirando a peixe realmente assustava, mas impressionado chegou a ficar sem fala e apenas sorriu e pediu desculpas. Ela sorriu também e como se fossem conhecidos ela quis saber o que tinha acontecido. Sem a insistência dela o pai não cederia o caminhão para o filho mais velho fazer o frete. Ganhou forças com um inesquecível sanduiche que ela fez e perguntou se podia voltar para vê-la quando resolvesse tudo. Não teve chance de voltar, e a falta de outro meio de comunicação acabou por afasta-los, demorou a esquecê-la.

De volta ao local do acidente sob a luz dos faróis de um fusca viu o tamanho do prejuízo e, mesmo aconselhado pela maioria de desistir, resolveu mais uma vez se por a prova. Pediu apenas que deixassem os faróis ligados, e sozinho com uma pá encheu de volta as caixas, só que desta vez era uma mistura de camarão, peixe, gelo e terra do acostamento. Só deixou a parte que tinha misturado com combustível derramado.

Na estrada pedia para acelerar para poder pegar o mercado da Praça Quinze aberto, na esperança de conseguir recuperar alguma coisa. A Policia Rodoviária os parou e algo estava errado, não queriam liberar, Andreas cansado, cochilava no caminhão e resolveu intervir. Entrou no posto policial e olhou para todos e disse “consegui chegar até aqui com tanto esforço, por favor, liberem a gente” Os patrulheiros olharam para ele de cima a baixo, ainda mais sujo e fedorento e disseram “sai, sai logo daqui está empestando o local”. Apesar da situação, riram. Chegaram com o mercado quase terminando, Andreas correu para seu já conhecido e bom leiloeiro que foi olhar a mercadoria, mandou levar para dentro e como o mercado tinha sido muito fraco conseguiu vender. Recuperou exatamente o que tinha gasto com tudo. Sempre vale a pena insistir na intuição, quando é para o bem.

Sem um bom barco, este sistema de abastecimento para o frigorifico, não funcionaria e os sócios não podiam investir mais. Resolveram desistir por enquanto da exportação e congelar camarão pequeno, mais fácil de achar, e vender para o mercado



interno. Andreas fez todos os cursos disponíveis na época para o ramo, e aprendeu mais na prática. Fez modificações no frigorífico, melhorou o rendimento do equipamento. Conseguiu melhorar o gosto do produto com receitas simples. Em um ano era o melhor camarão congelado a venda no Rio, mas apesar de trabalhar com 500 a 600 quilos por dia não dava lucro por que o fornecimento falhava. Resolveram mudar de atividade, estocar pescado para ganhar nas oscilações do preço. Andreas não gostou e perdeu o interesse, teve dois convites de trabalho, gerenciar um grande frigorífico no Sul e ou trabalhar em produção de filmes convidado por um dos sócios que era do ramo.

Preferiu a novidade e assim encerrou a carreira na pesca e frigoríficos. Começou como assistente e chegou a diretor de produção. Trabalhou com vários artistas conhecidos e bons e maus diretores artísticos. Divertiu-se muito, conheceu lindas mulheres e a mais interessante de todas que teve. Aprendeu muito sobre cinema por causa da sua curiosidade e sua vontade de ajudar em tudo. Não parou com outras atividades por que passava muito tempo entre um filme e outro.

Começou um período de trabalhos variados, mergulhava para vários serviços inclusive pesca de cavaquinhas, já muito fraca, trabalhava em barcos, e velejava muito, principalmente em barcos de oceano. Conseguiu decifrar um formula matemática para recuperação por eletrolise da prata de fixador de negativos preto e branco de filmes. Um amigo iugoslavo radicado no Brasil recebeu esta formulação em partes, em diversas cartas que vinham da Iugoslávia comunista, e onde a correspondência era censurada, de um colega antigo e pesquisador. O segredo estava na amperagem usada, tinha que ser muito precisa e controlada se não se perdia tudo em minutos. O amigo de Andreas errou muito, e aborrecido deu-lhe o quebra cabeça. O sistema, inédito em 1967 no Brasil, usa chapas de aço inox, eletrodos de carvão e corrente continua. Aos poucos Andreas conseguiu melhorar até obter uma prata totalmente pura. Colhia fixadores saturados nos laboratórios fotográficos, dando uma gratificação para guardarem e não jogarem fora. Com este processo, que não o ocupava muito, obtinha algumas dezenas de gramas de prata que as vendia para os fabricantes de joias. Um dia no clube náutico que frequentava deixou cair do bolso uma brilhosa barra de prata de cento e poucas gramas. A curiosidade dos que viram foi incontida e ele para despistar disse que era de um navio afundado. Chegou a ser seguido quando saía em algum barco para mergulhar. Para dar uma lição aos “amigos” aproveitou uma ida a Cabo Frio para pesca de cavaquinhas, em barco de outros pescadores e foi mergulhar num lugar sabidamente sem pescaria. Eles repararam quando Andreas voltou com um saquinho de lona que o escondeu logo na sua bolsa. Sem comentar nada, voltou para o Rio com a pouca pescaria conseguida. Dias depois soube que dois barcos com vários mergulhadores vasculharam o local durante uma semana a procura do navio da prata.



Participava das regatas de Santos ao Rio, muito concorrida na época, com a intenção de praticar navegação, normalmente sem instrumentos. Usava-se a navegação estimada e a prática valia muito. Andreas, respeitando os mais experientes, sempre fazia seus cálculos a parte, com boa precisão, além de ter forte intuição de direção e distância percorrida. Poucos anos antes, quando velejava muito dentro da baía da Guanabara, por duas vezes teve que voltar de Paquetá ao Rio com denso nevoeiro, sem nenhum instrumento e sem erros. Dizia que tinha que usar todos os sentidos e, a mais absoluta concentração. Olhava para esteira que o barco deixava na popa e a mantinha reta além de usar a audição para ouvir ecos. Numa das idas a Santos, em um veleiro de 46', antes de São Sebastião, ele estando no leme, recebeu do navegador o rumo a ser seguido à noite. Sem vento estavam navegando a motor. Andreas comentou que seria melhor navegar mais para fora da costa, mas não foi ouvido, era o mais jovem de todos. À duas da manhã, com um nevoeiro de no máximo 15m de visibilidade, mal se via a proa do barco, o dono do veleiro veio substituí-lo no seu turno. Andreas resolveu esperar um chocolate quente que outro tripulante iria fazer e, com sono encostou do lado da entrada da cabine e dormiu. Acordou assustado e olhou para o lado e viu espuma na água. Pulou para o leme e o empurrou com força, levou uma cotovelada do timoneiro que sem entender nada reagiu indignado. "Olha a arrebentação, vamos bater" gritou Andreas desviando o barco que entrando nas ondas formadas quase não obedecia, "acelera, acelera o motor". Com uma demora preocupante o barco foi desviando pouco a pouco das pedras, agora bem visíveis. Os outros sete tripulantes saíram da cabine correndo de qualquer jeito, gritando "afasta, afasta". O costão era da ilha de Vitória, pouco antes de São Sebastião.

Passado o susto, quiseram saber como aconteceu. Simples, Andreas dormiu mas ligado ou melhor, preocupado com o rumo errado, para ele. Quando o barco chegou perto do paredão da ilha, o eco criado pela barulhenta descarga do motor acordou ele. Ganhou temporariamente o apelido de radar e mais crédito com sua navegação.

Em cinema estive em situações que nunca imaginou passar. Em uma filmagem no cemitério do Caju à noite, de um filme de terror, de manhã teve que levar numa caminhonete, o caixão usado. O caixão estava todo sujo de lama por causa da cena filmada. No trânsito congestionado da manhã, em um sinal em frente da Rodoviária do Rio, viu os passageiros do ônibus ao lado, apontarem para caminhonete indignados. A algazarra foi tanta que chamou a atenção dos PMs da esquina que imediatamente mandaram Andreas encostar. A multidão juntou logo e o trânsito parou. A tampa do caixão tinha se deslocado deixando aparecer os dois pés calçados do manequim vestido com elegante terno. Foi uma decepção geral, a multidão já estava querendo linchar o ladrão de defunto.

CAPITULO

1967, anos da ditadura militar, um dia no clube, um conhecido de Andreas, Byron, perguntou se podia ajudá-lo com a língua grega numa reunião de negócios com um capitão de navio grego. Andreas que sempre gostava de ser útil aceitou prontamente.



Antes de chegarem no escritório Byron lhe disse que não dissesse que falava grego para os presentes, mas que prestasse atenção nas conversas entre eles por que não confiava. Perguntou também se poderia confiar nele em guardar segredo do que ouviria. Andreas não se espantou quando ouviu falarem em mercadoria contrabandeada. Os navios gregos eram muito conhecidos por esta atividade. Traziam calças jeans americanas, cigarros americanos e whisky principalmente. Absolutamente nada de drogas, apesar de tudo, tinham seus princípios.

Passados uns dias Byron procurou de novo Andreas, e pediu-lhe se podia ajuda-lo com o motor da lancha dele. O mecânico regulando a reversão tinha quebrado um parafuso especial e os pedaços caíram dentro. Precisaria desmontar tudo e Byron tinha que usar a lancha naquela noite se não teria muito prejuízo. A lancha de madeira, toda reforçada, e de apenas 22', mas com motor de 210 hp de 8 cilindros e 4 carburadores. Só podia usar gasolina de alta octanagem, com o consumo de 80 litros/hora. Ela ficava escondida numa casa em frente à praia, na ilha do Governador. Andreas aceitou a proposta de um bom pagamento e prometeu tentar tudo. Teve a ideia de pescar todos os pedaços quebrados com um ímã. Montou-os em cima do ímã e correu para um torneiro que facilmente tirou as medidas e fez outro. Ganhou bem por isto e ficou com a manutenção da lancha. Era usada para interceptar os navios das mercadorias, nos pontos pré-marcados em alto mar.

Byron tinha trabalhado com um militar brasileiro de alta patente que chefiava o esquema. Estava começando sozinho e não tinha uma boa equipe. Teve prejuízo com a última carga, por não terem conseguido achar o navio. Neste caso a mercadoria, geralmente, era jogada no mar para não serem pegos dentro dos portos na inspeção pela alfândega, na época Polícia Marítima.

Andreas apesar de se sentir atraído pela aventura não gostou da ideia de fazer algo ilegal, mas Byron o convenceu que era somente para achar os navios e o resto seria com a equipe. Aceitou pedindo ser chamado com outro nome na frente de estranhos e que não se levasse nenhum tipo de arma na lancha. Pediu que somente ele se envolvesse com a lancha e foi testa-la em mar aberto em condições severas, com ótimos resultados. Fez modificações de reforço e melhorias. Os bancos foram retirados, por não resistirem às batidas nas ondas. Passou a pilotar de joelhos em cima de almofadas ou em pé. Fez uma boa revisão no motor e o regulou o melhor que pode e finalmente foi experimenta-la. Ficou entusiasmado com a velocidade. Medir a velocidade na época, somente era possível entre dois pontos fixos com distancia conhecida e cronometrando as passagens. Foram impressionantes 52 e 54 nós (98 Km/h).

O navio fazia o transbordo da mercadoria para grandes barcos de pesca que a transportavam para descarga em terra, geralmente numa praia vazia, para os caminhões. Depois era levada para galpões e distribuída rapidamente de carro ou caminhonetes para lojas geralmente no centro do Rio. Tudo isto em uma ou no máximo duas noites.



Não se podia escolher dia bom de mar para sair, no dia marcado tinha que descarregar o contrabando com qualquer condição, o navio tinha data de chegada e não podia esperar mais do que algumas horas, levantaria suspeitas. Por questão de segurança poucos sabiam quando seria o próximo trabalho, o local era dado no dia e na última hora pessoalmente aos mestres dos barcos. Os rádios ficavam desligados.

Confiar nos outros era perigoso e Andreas tomava todas as precauções, não queria conhecer mais ninguém além do Byron e do seu sócio.

Numa das vezes, Andreas sabia do dia e recebeu o local e horário à tarde. Local 30 milhas (55 km) a leste do farol da ilha do Cabo Frio, as 20 hrs. Abasteceu com 600 litros de gasolina especial e embarcou o Byron na enseada de Botafogo com uma pasta cheia de dólares. Duas horas mais tarde estavam embaixo do farol da ilha. O mar estava agitado, com ondas do vento nordeste de uns 20 nós e grandes vagas do sul, da ressaca que estava terminando. Não seria uma noite tranquila lá fora, teria mais vento e ondas maiores. Os barcos de pesca tinham saído mais cedo e deviam chegar ao local marcado pouco depois deles. Sem nenhum equipamento sofisticado, somente os instrumentos do motor, Andreas calculava a velocidade de acordo com a rotação do motor e o tempo corrido. O rumo ele tomava seguindo um ângulo com as ondas. A bússola com as batidas nas ondas não firmava numa posição, era impossível segui-la. Saíram em direção ao local a meia velocidade com hora e meia de antecedência. Passaram pela rota dos navios, que varia mais ou menos cinco milhas a leste do Focinho do Cabo. Chegando perto do local, Andreas avistou um navio, “é ele” e foi na sua direção fazendo sinal combinado com a lanterna. Sem resposta insistiu mais, e nada. Estranhou o pequeno tamanho e a grande velocidade, mas acelerou e ficou do seu lado, iluminou o costado e, “gelou”, US COAST GUARD. O que estavam fazendo na costa brasileira? Será que pegariam o movimento estranho do navio e dos barcos no radar e os denunciariam para Marinha ou será que estava de passagem, mas ali? Será que estavam ajudando no patrulhamento contra o tráfico de armas para os rebeldes brasileiros? Byron, muito nervoso, e Andreas ficaram um tempo conversando, e decidiram arriscar e continuar a operação, mas tensos. A aventura estava ficando perigosa, seriam pegos? Confiavam na velocidade da lancha para escapar se fosse necessário, por ser pequena e de madeira o radar não os acompanharia. Andreas sempre estava preparado para uma emergência. Bom nadador levava nadadeiras e máscara, e uma roupa seca, reserva, em um plástico bem lacrado. Seu plano era correr em direção à costa, fazer entrar água na lancha para afunda-la, e nadar para terra.

Um navio apareceu na posição marcada. Andreas acelerou na direção dele e fez o sinal, responderam. Aproximou-se da popa e confirmou o nome e viu o hélice diminuindo a rotação. Acelerou em direção ao costado de sotavento (lado oposto ao vento). O navio cargueiro, era dos grandes e bem alto, as vagas dificultavam a aproximação sem riscos, a velocidade dele ainda era grande, mas não podiam perder tempo. Em cima do convés do navio se via a sombra de três ou quatro pessoas jogando a escada “quebra peito” para o Byron subir. Com as vagas e o navio balançando de



lado e a lancha às vezes subia tanto que dava impressão de poder alcançar o convés num pulo. Byron que não era muito ágil ficou hesitante, estava realmente perigoso. As vagas, o navio ainda com velocidade, Andreas com dificuldade de aproximar a lancha com segurança. Fez varias tentativas até que Byron pulou para escada com a pasta pendurada. Conseguiu subir alguns degraus até que a água da vaga o alcançou, tentou se apressar e o pé escapou do degrau. Ficou pendurado deixando a pasta cair, por sorte, em cima do ombro de Andreas, machucando-o. Byron no escuro não viu e ficou desesperado parando na escada até que a água quase o cobriu. Conseguiu sair da situação todo molhado com ajuda da tripulação do navio. Na escuridão, ninguém tinha visto Andreas pegar a pasta do dinheiro, que com certeza teria afundado se caísse no mar. Ficaram surpresos quando, gritando, ele pediu um cabo para ser içada. O dinheiro da pasta era o pagamento do frete para a tripulação do navio. A mercadoria era paga no porto de embarque, na época em Maracaíbo (Venezuela) onde uma mulher chefiava o esquema. Ela recebia as encomendas mediante pagamento e armazenava tudo em grandes galpões até o embarque. Tudo feito na confiança, apenas anotações eram o bastante.

Pouco tempo depois alguém veio gritando para ele, "it's OK", era o sinal para Andreas avisar os barcos se aproximarem. Os três barcos foram encostando e recebendo a mercadoria. Era whisky, 2.500 caixas. Desciam com o guindaste do navio numa rede de carga. Tudo rápido sem muitos cuidados e por isto quebrando muitas caixas no costado do navio alem das que caíam no mar. O cheiro de whisky de qualidade se espalhava cada vez mais. Andreas pegava no mar as que conseguia mas a perda fazia parte. Os barcos balançavam muito, e um deles com forte barulho de madeira quebrando, perdeu a cobertura do casario da popa batendo no costado. Tudo era feito no escuro. As luzes do navio estavam apagadas, só as de navegação acesas. O radar ligado avisaria se algum navio estivesse se aproximando. Nenhuma luz nos barcos. O encontro com o navio da guarda costeira americana preocupava. Mesmo nestas condições de mar tudo foi rápido, menos de uma hora, e os barcos saíram a toda velocidade para o Rio. Tinham que descarregar ainda no escuro. O navio já estava em movimento quando Byron começou a descer, mas pular da escada para lancha estava difícil. Andreas teve que arriscar com as manobras e a proa encostou no navio abrindo uma fenda entre o convés e o casco. Teria que navegar com menos velocidade para que a água não entrasse. De qualquer maneira teria que vigiar os barcos, mais vagarosos, de longe e para isto não poderia acelerar muito. Mesmo com alguém de confiança a bordo deles, havia o risco de desviarem mercadoria.

Byron quis saber como a pasta do dinheiro foi salva. Confessou que se fosse ele a esconderia. Andreas lhe disse que quer dinheiro ganho por ele, e não dos outros. Agradecido Byron lhe ofereceu participação. Andreas que na verdade queria somente a adrenalina da aventura prometeu pensar. Pensou mas não disse, estas atividades mais cedo ou mais tarde acabam em problemas sérios e o dinheiro não compensa.



Antes de entrar na baía do Rio, Byron passou para um dos barcos para acompanhar a descarga que seria nos fundos do mercado São Sebastião (na época tranquilo) Andreas seguiria sozinho para ilha do Governador. Entrando sem pressa pela barra, ao lado da Fortaleza Santa Cruz se assustou com a luz forte de um holofote e uma ordem dada por megafone de parar. “Encosta, encosta aqui, devagar” Pronto, os americanos avisaram, pensou Andreas, obedecendo. Dava para ver, no reflexo da forte luz, dois homens na proa da lancha da Polícia Marítima apontando armas para ele. Andreas se preparou para argumentar, afinal a lancha estava limpa de contrabando, de que iam acusa-lo? “O que está acontecendo?” falou encostando com calma. “Cadê o Byron” perguntou quem parecia ser o chefe. “Não conheço” “a lancha é dele, cadê ele?” “pediram para trazê-la de Angra, sou mecânico” “Olha rapaz, a historia é outra, Byron combinou dois barcos e acabaram de entrar três” e pulou para lancha “me leva até ele”, “chefe, não vai revistar?” perguntou um dos armados. Andreas levantou a roupa e deu um giro e pediu para revistarem a lancha, um deles fez isto com uma lanterna rapidamente. “O rapaz é gente boa, vamos” o chefe disse e os mandou seguirem de longe. Andreas sem saída obedeceu, e foi na direção dos barcos alcançando o que estava o Byron, que não gostou nada da novidade. Conversaram discretamente, e apertando as mãos se despediram. Na ida para a lancha da polícia, o chefe, botando a mão no ombro de Andreas, disse em tom paternal “você é novo ainda e vou te dar um conselho, neste negocio tem que ser honesto, para se dar bem” e se despediu.

Byron tinha uma caminhonete que pouco usava e a ofereceu para Andreas como pagamento pela eficiência e honestidade na operação.

Estas operações aconteciam a cada quarenta e cinco dias mais ou menos, e enquanto isto Andreas trabalhava em produções de filmes, produção de prata ou mergulho. Ninguém da família ou amigo sabia destas “aventuras”. Sentia-se diferente, desta vez era somente autoafirmação, não queria se mostrar para ninguém, queria a adrenalina. Não visava o dinheiro, não queria esta espécie de dinheiro, tinha certeza que o resultado não seria bom.

CAPITULO

Em cinema participou de 7 produções, chegou a fazer algumas pontas e até foi convidado a ter participação em papel secundário, não aceitando por causa da sua timidez que lhe dava muita insegurança. Divertia-se com as improvisações que se criava para fazer algumas cenas.

A historia de um dos filmes se passava numa floresta com alguns animais selvagens, uma onça pintada uma cobra jiboia de dois metros e meio e uma anta. Tinha um avestruz, uns urubus, muitos passarinhos e ratinhos. A cobra, na véspera de “atuar” no filme apareceu morta, Andreas sem opção, disse que daria um jeito. Enfiou um vergalhão pela boca da cobra até a metade do corpo e deu-lhe uma posição de ataque com a boca aberta. Completou com uma linha transparente para mexer com a ponta



do rabo e ficou mais obediente que viva. A onça, presa numa jaula apertada, tinha no pescoço uma corrente com um cadeado. Diziam que a corrente não apareceria, mas na hora de filmar o diretor pediu para tirar. Sobrou para Andreas dar uma solução. Apelou para o “cuidador” dela, que tinha mais medo que todos, “não tenho a chave do cadeado” falou e saiu de perto. Como se fosse possível abrir um cadeado no pescoço de uma onça.. Estavam no meio do mato, zona oeste do Rio, e Andreas tinha visto uma equipe trabalhando em torres de alta tensão. Procurou o encarregado, explicou o caso e pediu um alicate de corte dos grandes, de cortar fios grossos. O problema era a onça ficar quieta para cortar a corrente sem machuca-la. Ela estava irritada e não parava de ameaçar com patas e unhas através das grades. Alguém para distraí-la trouxe nas mãos um gato, que ela numa patada certa e rápida o jogou longe, o machucando. Neste momento afinal, num golpe rápido, deu para cortar a corrente que tinha sido colocada na captura, sedada. Para filma-la solta, foi feito um cercado com tela grossa e um buraco no chão onde ficaria a câmera. Serviria também para os atores se refugiarem, se a onça os atacasse. Ainda tinha um bom atirador, com um rifle, de prontidão. Tudo correu bem, a onça deu uma corrida no espaço cercado e, depois ficou andando de um lado para outro sem ameaçar. Foi perfeita, digna de um premio Oscar. Mas, quem a colocaria de volta na jaula. Sem ajuda, Andreas pensou em atraí-la com um bonito pedaço de carne, colocado dentro da jaula, mas ela muito esperta o puxou de fora com a pata . O “cuidador” avisou que nunca tinha sido solta num espaço tão grande e não sabia como resolver. Um homem idoso, que estava assistindo, chamou Andreas e lhe disse “use a cobra, onça tem medo de cobra”. Duvidando um pouco, mas sem opção pegou a cobra morta e entrou no cercado. Ficou ameaçando joga-la em direção da onça que começou a recuar em posição de defesa, levantando a pata ameaçadora. Andreas com mais confiança passou a gritar e a encurralar em direção a jaula. Com certeza esta onça nunca tinha visto uma cobra atacar gritando. Para espanto geral recuou até entrar na jaula como se fosse seu covil. Foi vaiada.

Depois da filmagem com a anta, Andreas, já se sentindo um domador de animais, foi empurra-la em direção a sua jaula. Não gostando do tapa forte que Andreas deu-lhe no traseiro, virou a cabeça e deu-lhe uma forte e dolorida mordida na perna. Obedecendo a conselhos resolveu passar no hospital Miguel Couto para fazer um curativo. Gente baleada, gente ferida em acidentes de todo tipo e Andreas no meio de todos esperando a sua vez. O medico se aproximou e perguntou “qual é o problema”?, “fui mordido na perna”, “cachorro”? “não, anta”. O medico virou-se imediatamente e disse em alta voz “olha aqui pessoal, este daqui vai ganhar o premio da semana, conseguiu ser mordido por uma anta, no Rio”. Todos viraram para olhar Andreas. Envergonhado tentava explicar, sem conseguir, ninguém o ouvia, os que não sentiam dores sorriam.

O trabalho em cinema ajudou Andreas a melhorar da sua timidez. Via alguns bons atores assumirem o personagem antes de filmar a cena e os admirava. Em uma filmagem, uma ótima atriz de teatro e TV com roteiro na mão se aproximou de Andreas e apontando o dedo começou a brigar com ele com palavras ásperas. Andreas



sem entender nada, ficou vermelho, nem conseguia reagir. Ela fazia o papel de uma louca, apenas estava se preparando. Queria fazer o mesmo para ser mais solto, mais extrovertido, mais simpático. Tentava nas ocasiões que participava como figurante, ou pequenas pontas como numa cena que fazia o papel de um assassino num bosque. Escondido atrás de uma árvore tinha que atacar uma moça estrangulando-a. Fez cara de mau e apertou o pescoço da bonita garota delicadamente, mas ela não fazia expressão de assustada nem de quem iria morrer. Depois de repetirem a cena algumas vezes o diretor perdendo a paciência gritou “Andreas, aperta para valer se não a gente não termina”. Andreas respirou fundo e atacou. Apertou o pescoço chegando a levanta-la. Coitada, a cena foi perfeita, mas ela ficou tossindo um bom tempo.

Chegou um dia que Andreas precisou se por a prova, se realmente estava menos tímido. Foi na rodoviária do Rio, numa cena que o personagem desce a escada para pegar o ônibus. A câmera filmava do topo da escada, mas, obvio que todo mundo olhava para ela tirando a naturalidade da cena. O diretor pediu para Andreas dar um jeito que educadamente pediu para que ninguém olhasse para cima. Foi pior, chamou mais atenção para câmera. Combinou com o cameraman que ficaria fora do campo de visão e tentaria chamar a atenção das pessoas. “Pessoal olha para cá, olha para cá”, mas como não viam nada de interessante se voltavam para câmera. Andreas então resolveu extrapolar, ficou de joelhos e começou a bater com a sua prancheta de anotações no chão, gritando feito louco “não aguento mais, não aguento mais, tão olhando o que”? Até perceberem o que estava acontecendo deu para terminar a cena e ainda filmar o show de Andreas, para rirem depois.

O cinema era divertido e as operações de contrabando emocionantes, com as duas atividades conseguiu resgatar a dívida do seu pai e pagar as despesas mensais, mas o seu veleiro ainda estava longe.

Um produtor de filmes e dono de veleiro contratou Andreas para comanda-lo em uma filmagem em Macaé. O barco de 44 pés, pesado e difícil de manobrar estava com o motor avariado o que dificultava mais. O produtor queria filmar logo e contratou um pequeno barco a motor para reboca-lo para fora do porto até poder içar as velas. Andreas achou o barquinho frágil e pediu um maior, que lhe foi negado por custar mais caro. O infeliz do barqueiro amarrou o cabo do reboque na popa e começou a arrastar o veleiro. Dentro das águas calmas do porto foi relativamente fácil, mas fora o mar estava um pouco agitado com o vento nordeste, e as ondas começaram a esticar o cabo dando fortes trancos no barquinho que chegava a parar. Andreas, prevendo problemas, quis desistir e pediu avançar um pouco mais, para afastar das pedras e poder retornar. Não deu tempo, num solavanco mais forte, a parte da popa que o cabo estava amarrado foi arrancada abrindo um buraco que fez o “rebocador” afundar rapidamente. Andreas e um amigo, que tinha vindo ajudar, correram para proa do veleiro e jogaram o ferro tentando evitar que fosse para praia. O lugar era raso e a quilha do veleiro já batia forte no fundo. O ferro não segurava e pouco a pouco estavam indo mais para o raso com o barco deitando cada vez mais. Andreas pediu



ajuda a um barco de pesca que estava saindo do porto, mas não foi atendido. Cada pancada da quilha no fundo parecia que o barco iria se desmanchar, era questão de pouco tempo para acabar deitado totalmente e considerado perdido. Andreas olhava em volta por ajuda, e se revoltou quando viu no raso uma pequena multidão, já com ferramentas nas mãos, e até machados prontos para o saque. Que eficiência para fazer o mal. Não muito distantes estavam dois barcos de pesca parados, assistindo tudo. A revolta o transformou, e gritando bem alto que não perderia o barco para eles. Fechou o barco todo, para não entrar água, pegou a adriça do tope do mastro (cabo de levantar a vela) e emendou com vários cabos para ficar bem longa. Entregou a ponta para o seu amigo, ótimo nadador, e pediu para obrigar o barco maior a reboca-los pelo tope do mastro. De tamanho assustador, dois metros e cinco e muito forte, chegando ao barco de pesca subiu e sem falar nada amarrou o cabo num cunho. Virou para o mestre e disse “vai devagar” “mas, não vai dar” “puxe, porra”, foi obedecido. O veleiro foi deitando mais e mais até o mastro ficar paralelo a água levantando a quilha do fundo. Andreas pulou para borda para não cair e viu, alegre, o barco sendo arrastado de lado para longe da área rasa. Rapidamente conseguiu recolher o cabo do ferro que foi arrastado pendurado na proa. Chegando a lugar seguro fez sinal para soltar fazendo o veleiro aprumar com violência. Estava salvo, e apesar de algumas avarias, conseguiram velejar e terminar a filmagem.

CAPITULO

1969, auge da ditadura, Setembro, Andreas continuava com as duas atividades, cinema e a busca de navios de contrabando. Desta vez a carga era, 4.000 caixas de whisky. Foram necessários quatro barcos de pesca grandes, e sete caminhões fechados, do tipo carga refrigerada. No mar correu tudo bem com exceção do Byron. Na volta para terra, vendo as luzes de três navios da marinha em manobras de exercícios, achou que tinha sido delatado e entrou em pânico querendo fugir. “Acelera, acelera” gritava para Andreas que pedia calma. “eles estão vindo para cá, eles vão cercar os barcos, vamos fugir deles, acelera vamos para terra”. Andreas tentava explicar que os navios mudavam de rumo por causa das manobras e, que ora pareciam vindo à direção deles ora não. Nada acalmava Byron, que estando em pânico pegava na direção da lancha e navegava em círculos. A situação estava ficando perigosa, e Andreas sem outra opção deu uma bofetada bem estalada no rosto do Byron. “Que isto, que isto”? “é para você acordar, está tendo pesadelo” Byron surpreendentemente se acalmou. Ficaram alguns minutos sem falar enquanto Andreas



pilotava a lancha em direção da praia de Muriqui perto de Itacuruçá, local da desova. “Byron desculpe o mau jeito” “onde aprendeu isto” “vi num filme” disse Andreas.

O esquema desta vez era sofisticado. Muita gente em terra para carregar os caminhões e até camburão da policia civil para dar cobertura. Um policial chamou uns pescadores que pescavam perto da praia, e já olhavam assustados, se identificou e pediu-lhes que ajudassem, pois tinham apreendido mercadoria ilegal. Ganharam umas garrafas de whisky. As quatro traineiras carregadas estavam ancoradas um pouco afastadas da praia e o transbordo era feito com os caíques num vai e vem intenso. Os caminhões foram sendo carregados e saindo um a um em direção ao Rio. Byron pediu a Andreas para esperar o ultimo caminhão carregar antes de sair com a lancha. Andreas desconfiou de uma traineira que estava mais afastada e foi até lá em busca de mercadoria roubada e escondida pelos tripulantes. Foi achando garrafas em todos os lugares. No meio da imensa rede de pesca, na cabine dos tripulantes, no meio das roupas, na cozinha, dentro de tudo que coubesse algumas garrafas. Mas, sabia que isto era para distrair quem fosse inspecionar e, foi para casa de maquinas. Com uma ferramenta começou a bater nos tanques de combustivel. Desconfiando de um tanque, mandou abrir a tampa lateral com visor que indicava estar cheio. “Vai vazar o diesel todo” disse o maquinista, “se vazar, pago com whisky” e Andreas pegando uma chave começou a tirar os parafusos. A situação ficou tensa. O mestre e alguns tripulantes ficaram confabulando e em seguida o motor foi engrenado e acelerado. O barco estava saindo com Andreas sozinho dentro. Andreas desacelerou o motor e correu para casa de leme botando a lanterna no rosto do mestre. “Volta agora, já, se não vamos ter problemas” e ele mesmo foi virando o leme. Ninguém reagiu. Voltaram para praia e encheram uma Kombi com o que estava no tanque. Andreas deixou algumas garrafas para eles, “bebam para matar as magoas”.

Tinham saído todos os caminhões, menos um, que numa manobra errada ficou atolado na areia. Byron estava tenso de novo e sem saber o que fazer. O motorista e filho do dono do caminhão, estava desesperado de perder o caminhão e ir preso se fosse ficar parado ai. Byron preocupado com o restante desistiu da carga, e mandou o motorista se virar. A policia precisava acompanhar os outros caminhões que, viajavam distantes um do outro para não chamar atenção. Andreas combinou com os policiais de voltarem por que daria um jeito de livrar o caminhão. Despachou a lancha para o Rio com uma pessoa de confiança e foi ajudar o motorista. Ficaram somente os dois que começaram a tirar a carga do caminhão para alivia-lo e jogando água na areia conseguiram. Carregaram de novo e muito cansados pegaram a estrada para o Rio. O rapaz que era português com sotaque carregado ficava se lamentando, repetindo “ai meu Deus, se meu pai souber me mata”. Andreas para acalma-lo, dizia que era só lavar o caminhão para tirar a areia e o cheiro do whisky.

A viagem seguia tranquila com a metade da distancia feita quando apareceu o camburão da policia mandando parar. “Tem um bloqueio logo na frente, sequestraram o embaixador americano, e estão revistando tudo, sigam normalmente”. Logo depois



de uma curva apareceu uma pequena fila de carros, pararam. Carros de combate do exercito, soldados deitados na beira da estrada apontando metralhadoras e rifles. Carros sendo revistados com os passageiros do lado de fora, alguns com as mãos na cabeça. Andreas e o português congelaram, não viam saída, não deixariam de revistar o caminhão. Andreas tentava pensar o que dizer, mas não vinha ideia nenhuma. O rapaz segurava o volante com as duas mãos e tremia, suava de pingar, rezava e falava frases desconexas tipo, “vou pular e correr, não vão me pegar não”. Andreas tentava falar com ele, mas não era ouvido, ele também estava apavorado, mas tinham que ficar calmos. Foi para o ouvido do outro e gritou “calma porra, assim é pior não vê, os soldados estão olhando para gente, fique calmo, vou acender a luz interna para mostrar que estamos tranquilos” e ficou lhe dando pontapés nas pernas. Ele virou para o Andreas e disse para pegar na direção, Andreas achou que qualquer movimento seria perigoso, poderia ser mal interpretado. Estava chegando a vez deles e a tensão aumentava. Não tinham como escapar de ser presos, com mais de 500 caixas de whisky sem nenhuma nota ou documento, e o pior, poderiam achar que estariam ligados a algum grupo terrorista. Estes grupos faziam de tudo para conseguir dinheiro, por que não contrabando?

Andreas viu o camburão da policia chegando e parando do lado de um oficial do exercito, logo depois um policial chegou do lado do caminhão e fez sinal de seguir em frente. O motorista não acreditou, Andreas chegou a dar-lhe um chute forte na perna, “vamos logo”.

Assim que se afastaram do bloqueio, todo nervosismo se transformou em alegria, os dois pulavam sentados no banco igual crianças.

No lugar pré-marcado, perto de um posto de gasolina, o caminhão parou. Entrou outro motorista pedindo para o rapaz descer e esperar, traria o caminhão de volta descarregado. Ele não quis e a situação ficou tensa. Andreas tentou explicar que era por questão de segurança. Não podiam mostrar o lugar onde ficaria a mercadoria. Concordaram que ele ficasse, mas com uma venda nos olhos o tempo todo. Na volta para soltar o caminhão, o camburão estava lá com os policiais comemorando discretamente, tomando cerveja. Contaram como fizeram para libera-los. Disseram que tinham recebido uma denuncia. Um chefe de quadrilha muito procurado, num determinado carro, passaria por ali naquela hora e se visse a fila grande de carros, fugiria. Ficaram algum tempo esperando, para despistar.

Andreas quase sempre ficava na lancha, não participava dos trabalhos em terra e desta vez correu riscos desnecessários por excesso de confiança. Estava na hora de reavaliar a atividade. Passando um mês aproximadamente Byron o chamou, desta vez todo animado, seria um carregamento de 30.000 calças jeans, Levis e Lee. Queria parar, e esta leva daria dinheiro para abrir um negocio mais tranquilo. Andreas teve uma forte sensação de que não deveria ir. Deu a desculpa que não podia faltar no compromisso de um filme e, até confessou esta sensação negativa. Byron insistiu



muito, ofereceu boa recompensa, mas acabou aceitando as negativas de Andreas que sentiu um grande e estranho alívio. Assim dava um fim à aventura de contrabandista.

Soube, dois dias depois, que todos foram presos pela aeronáutica, e que apanharam para confessarem participação em guerrilha. Um participante da última operação, não satisfeito com o que ganhou, denunciou eles. Byron, pagando muito dinheiro, foi solto dois meses depois, muito abatido.

CAPITULO

A vida a bordo segue tranquila, com as condições favoráveis que estão tendo desde a saída da ilha de Trindade. Alguns pirajás pelo caminho com fortes chuvas e vento, servem para refrescar o forte calor da região. Andreas aproveita para ler, escrever e relembrar fatos da sua vida. Uma pequena festa para os dois novatos na passagem do equador e agora esperar pela mudança do vento de sueste para nordeste.

O motor em rotação reduzida, para economizar combustível, mais a vela, aproveitando o pouco vento que de vez em quando aparece, estão ajudando a sair da zona de calmaria que há nesta região. Passam três dias e aos poucos o vento nordeste vai se firmando. Agora, mais contravento até a entrada do Mediterrâneo. Andreas escolhe um rumo para passar ao largo do arquipélago de Cabo Verde, estatisticamente com menos chance de temporais. Nesta época do ano, inverno no hemisfério norte, descem muitos temporais e os ventos variam.

Com bom rendimento, Cabo verde está ficando para trás rapidamente. O mar, apesar do vento entre 25 e 30 nos, não está muito alto. Se as condições continuarem assim devem chegar à ilha da Madeira dentro da previsão de Andreas.

Mas, conforme vão subindo para o Norte aumenta o frio e as condições aos poucos vão mudando. O vento sempre contra, varia de direção e intensidade. As manobras de mudança de rumo e de vela são constantes e o rendimento começa a cair. O mar cada vez cresce mais impedindo o barco manter boa velocidade. O vento que em alguns momentos parece que vai parar, volta com mais de 40 nos, e as ondas continuam crescendo. Andreas tem certeza que estão pegando as ondas de algum temporal forte que está descendo do Norte. A variação do vento está cada vez maior chegando a 60 nos para depois cair. O barco não está conseguindo avançar. Usando as velas de temporal, quando o vento cai o barco para, e é arrastado para trás. O trabalho a bordo fica difícil, as ondas o cobrem continuamente. O espaço entre uma rajada e outra está



aumentando, indicando que o pior está passando. Mas as ondas continuarão por muito tempo. Andreas no leme tenta enfrenta-las da melhor maneira. No topo de uma, olhando adiante, vê outra de tamanho assustador vindo à direção do barco. Com forte barulho de arrebentação parece que vai engolir tudo. Andreas vira o leme para enfrenta-la com melhor ângulo. A proa sobe, sobe e a metade do casco fica no ar. Andreas vira rapidamente o leme para aliviar a queda no vazio. Com um frio na barriga o barco cai no cavado. O forte choque faz tremer tudo, principalmente mastro e estaiamento, com uma violência que deixa preocupações. A gaiuta se abre e dois rostos com expressão assustada aparecem. “o que foi isto, batemos”? pergunta a Lia “algumas coisas saíram do lugar, eu fiquei no ar” continuou. Andreas pede para olharem se está entrando água e se as portas dos armários, da cabine e do banheiro estão fechando e abrindo normalmente. Lia volta dizendo “está tudo bem, nada a reclamar do construtor” disse sorrindo.

Andreas está no leme desde a madrugada. Com a noite chegando quer continuar tentando avançar. Há dúvidas se é a melhor opção. Quanto tempo vai conseguir ficar no leme? Pensa em baixar as velas e deixar o barco enfrentar as ondas usando ancora flutuante. Algumas quebrariam em cima do barco, outras o levantariam para depois cair com violência. O melhor é tentar manter um ângulo entre 45° e 60° graus em relação às ondas. E isto a ancora flutuante não faz. Usar o motor, junto com a vela, precisa de assistência no leme e muito combustível para um rendimento pífio. Tentando ver qual a posição mais segura para enfrentar as ondas, Andreas virou a popa do barco para elas. Seria perfeita se a velocidade desenvolvida, não fosse tão grande. Perderia muito caminho feito no contravento. Andreas quando escolheu este projeto de barco, o grande skeg (espécie de quilha na frente do leme) chamou-lhe a atenção. O barco fica com mais estabilidade direcional, diminuindo as contínuas correções no leme, que tiram velocidade. Nas ondas, um barco de cruzeiro rende mais, comparado com outro barco do mesmo tipo de casco e sem skeg. Resolveu testar. Baixou as velas, virou o leme contra as ondas e o prendeu. O barco começou a cavalgar as ondas no melhor ângulo. Não precisava fazer mais nada, parecia perfeito. Depois de observar algum tempo, para se convencer, desceu para cabine. Às vezes, uma ou outra onda descomunal estoura em cima do barco, com um barulho assustador de arrebentação. Andreas acompanha a situação abrindo um pouco a gaiuta, somente para olhar ao redor. O ambiente na cabine é relativamente “tranquilo”. Solavancos e quedas no vazio são constantes, e às vezes com um balanço mais violento, sentem o barco sendo arrastado de lado, mas logo volta na posição certa. Música variada, as acrobacias e a criatividade da Lia na cozinha atenua a espera. Andreas para tranquilizar comenta brincando “pior que está, tenho certeza, não vai ficar”.

Passam três dias e as condições do mar começam a melhorar. Andaram quase 200 milhas para trás e levarão mais três para recuperar, no contravento e com as ondas ainda altas. Quase uma semana perdida. O vento continua contra e forte, 30 a 40 nós e agora vem do continente, direção leste nordeste. As ondas estão mais regulares. A visibilidade está péssima com a vinda da poeira do deserto Africano. O barco está todo



sujo. É o “Harmattan” vento quente e muito seco. Carrega a poeira, finíssima do deserto, até o outro lado do Atlântico. Andreas começa a içar as velas e olha em volta, a falta de visibilidade o preocupa. De repente aparece um navio, de forte cor laranja, vindo direto na direção deles. Será que eles nos veem, pegaram a gente no radar? “Lia, liga o radio e chama o navio no canal 16”. Responderam na hora. Era um navio espanhol que vinha marcando a posição deles no radar algum tempo. Como o barco está à deriva, quase parado, o comandante achou que eram naufragos, e mudou seu rumo para verificar. Lia pergunta informações sobre o tempo, e sobre o temporal que os atingiu. “Vocês estão com sorte de estarem por aqui, lá para o norte este temporal foi muito mais violento, teve muitos naufrágios no canal da Mancha. Juntaram três áreas de baixa pressão formando a maior tempestade em muitas décadas. Desceu do norte da Inglaterra passando por Espanha, França, Portugal até aqui”. Perguntam se precisam de algo e oferecem mantimentos e vinho espanhol. Andreas teve que recusar, pois o perigo na aproximação é grande.

Com o barco andando outra vez os ânimos melhoram, mas Andreas está achando o barco lento e busca a razão disto. Se segurando no estaiamento, aproveita o casco está adernado para boreste e examina o lado bombordo. Está limpo, nada preso na quilha. Verifica as velas, regulagem do mastro, nada aparente. Tem algo errado. Mais uns dias e parece piorar. O vento firmou entre 25 e 30 nós. Resolve recolher as velas e parar o barco. Amarra um cabo preso no barco e na sua cintura e mergulha na água bem fria para examinar o casco. Surpresa, dezenas de mariscos “percebes” grudados, no lado boreste do casco, acima e embaixo da linha d’água. Exatamente o lado que ficou submerso nos três dias na tempestade. Este saboroso crustáceo é raro, lembra um pé de porco e os que estão no casco já estão bem grandes. É a região deles, de Cabo Verde até Inglaterra. Com as enormes ondas, batendo forte nos costões, alguns mais novos se espalham e encontrando o casco do barco, quase parado, se agarraram. Andreas, furioso com os passageiros clandestinos e o atraso causado, arranca-os com uma espátula. Lia ainda comenta que sabe prepara-los, “já comi em Portugal, são caríssimos”. Andreas não quer arriscar.

Agora o barco está desenvolvendo bem, e Andreas calcula mais uns dez dias para chegar á Ilha Da Madeira, passando do total previsto antes. A água foi calculada para 90 dias, mas a comida para 60 dias com os imprevistos, e precisa ser controlada até a certeza da chegada.

Finalmente, depois de 55 dias desde Cabo Frio, Madeira aparece na proa.

Com o barco amarrado no porto, Lia e Pedro pulam logo para o cais, mas Andreas senta no cockpit e fica olhando o movimento em terra. Com as horas passando Andreas filosofa sobre a diferença da vida no mar e na terra. Olha as pessoas e os carros circulando num vai e vem e, lhe parece sem sentido. Fica hesitante em ir e se misturar com eles. Fica comparando, como é mais simples a vida no mar. Pensa na burocracia da documentação, em seguir as regras impostas pela civilização, certas ou erradas. Como seria mais fácil se as intenções de todos fossem honestas. Se sente um



estranho nisto tudo. Não quer perder o sentimento de fazer parte da natureza. Como mudar isto dando apenas alguns passos em terra. Tem vontade de falar com todos “simplifiquem tudo, a sensação é maravilhosa”.

Quatro horas e meia se passam. Um funcionário da imigração para ao lado do barco, que está com a bandeira brasileira, “oh patrício, tens que vir a fazer os documentos”. Andreas sacode a cabeça como se tivesse saindo de transe e responde que está indo.

Revisão geral e abastecimento para seguir viagem. Apenas um reforço na vela de proa é necessário. Conhecem um casal de ingleses que tem no barco uma bateria musical com vários instrumentos acoplados. Muito animados dão uma demonstração fantástica. O rapaz usa um monociclo para fazer compras que as carrega nas mãos, um malabarista.

Lia e Andreas para variar o cardápio estão procurando um restaurante típico, mas sem turistas. Num porão muito simples e antigo, na parte velha do porto, veem gente do local jantando juntos em mesas compridas. Descendo as escadas, da para ver que está cheio, será uma reunião ou restaurante? Ficam parados indecisos até que um português simpático vendo se tratar de estrangeiros, vem recebe-los. “Wellcome”, “somos brasileiros, podemos jantar”? “claro claro, sejam bem-vindos, são de onde?” “viemos do Rio, de veleiro” “quantos dias?, devem estar querendo comida fresca” e os põe para sentar juntos com os outros. Sem perguntar nada traz duas canecas de vinho tinto e uma bandeja com pedaços de peixe e pede para esperarem um pouco. Andreas e Lia estão se deliciando com comida e o vinho que não param de serem colocados na frente deles. Aos poucos os fregueses vão saindo até que ficam somente eles. Andreas pergunta se está na hora de fechar e pede a conta. “Como, agora que vocês vão começar a comer” e traz mais comida, porções de peixes de varias espécies e um garrafão de vinho. “Este é o meu vinho” e senta na mesa para comer com eles. Não dá para resistir. Madeira é uma ilha vulcânica e muito fértil, conhecida pelo excelente vinho, grande variedade de pescado, frutas, verduras e comidas típicas. O mercado é atração turística imperdível. Chegou a hora que não cabe mais no estomago e estão apenas conversando até que o dono levanta e enchendo uma grande vasilha de comida “isto é para amanhã” e dizendo que eles são seus convidados diz “aqui convidado não paga”. Inesquecível.

Uma semana passa e está na hora de seguir. Lia não conseguindo prolongar suas férias terá que voltar para o Brasil de avião.

Andreas vai seguir com Pedro. Barco abastecido, previsão de contravento de 25 nós e mais 600 milhas (1.100 km) até Gibraltar.

Capitulo

Sempre prestativo, Andreas nunca negava ajuda a quem lhe pedia. Não pensava em pagamento, queria ser útil. Perdia oportunidades de boa remuneração. Dizia que não



sabia cobrar e com isto, sempre estava com pouco dinheiro. As discriminações sofridas quando criança o faziam agir assim, queria ser aceito, se destacar, mostrar que era capaz. Precisava mostrar o tempo todo que tinha valor.

Durante 11 anos foi sócio de um clube em Botafogo. Teve um pequeno veleiro no seco e um barco de pesca de 8 metros ancorado lá. Ajudou a fazer um píer de atracação inventando um bate estaca eficiente e fácil de operar. Ele era bem visto por todos por estar sempre pronto para ajudar. Nas eleições para diretoria, a oposição ganhou o que irritou profundamente os adversários. A nova diretoria resolveu fazer uma reforma na antiga piscina de 50m x 25m e muito funda. Ela tinha sido construída perto do mar e com isto a água da maré infiltrando pelo terreno atingia o fundo dela. Esvaziando-a na maré muito alta, a água do mar forçou o fundo da piscina vazia que, sem o peso da água, subiu rachando. 34 metros de comprimento e mais ou menos 10 a 20cm de largura. A água do mar dentro dela subia e descia de acordo com a maré, com variações grandes. A água ficou totalmente suja. Chamada uma firma especializada, orçou um preço impossível de ser arcado pelo clube. Os adversários começaram um movimento para derrubar a diretoria. Nem pensaram de se unir e achar uma solução. O curioso era que, se conseguissem assumir eles não teriam o que fazer. Andreas pensava em uma solução muito simples, mas sem a certeza que funcionaria não a comentou. Enquanto a piscina ficava parada, não havia treino, os atletas prejudicados, as competições adiadas. Tinham urgência numa solução. Um dos novos diretores perguntou Andreas se podia fazer algo. Como os gastos com a ideia dele era insignificante quiseram tentar. Pediu e deram-lhe dois ajudantes, um pequeno barco, cimento, um produto que acelera a cura do cimento dentro d'água, e uma bomba muito potente dos bombeiros, ligada a rede de água. Andreas esperou a maré mais alta e quando começou a baixar, pediu para ligar a bomba e mergulhando passou a colocar o cimento preparado na rachadura. A descida da maré mais a saída da água bombeada para dentro da piscina puxava a massa mais fundo na rachadura. Todos olhavam com pessimismo e comentavam “como uma solução tão simples resolveria um problema tão grande” “isto é infantil” “coitado do Andreas” e se afastavam desinteressados. Durante a descida da maré conseguiu encher toda a rachadura. A água bombeada não parou a noite toda e no dia seguinte não houve mais variação. Estava resolvido, o trabalho maior seria filtrar e limpar a água. Com o nível da piscina mais alto que o parabenizando.

Mas, teve quem não tenha gostado da fácil e barata solução, os perdedores da eleição e seus seguidores. Abertamente hostilizaram Andreas. “você não tinha nada que ajuda-los” “você estragou tudo”. Ninguém o defendeu. A situação inacreditável fez Andreas se afastar do clube, decepcionado, sentindo-se estranho, diferente dos outros. Vendeu os barcos e, sentiu mais forte ainda o desejo de conseguir o seu veleiro que o levaria para algum lugar melhor.

Um dia encontrou na rua o americano que tinha mergulhado com ele na fragata “Thetis”. Thomas estava garimpando ouro no rio Tocantins e procurava comprar uma



caminhonete. A Kombi levada não aguentando as condições das estradas da região estava irremediavelmente quebrada, abandonada na mata. Andreas com uma caminhonete Rural se ofereceu e logo aceito como sócio. Tinha um problema, o motor muito gasto, precisava de retifica e Thomas deu quatro dias somente para Andreas resolver. Era época de seca e a melhor época para se mergulhar nos rios da região, tinham que aproveitar se não, só no ano seguinte. Andreas pensando na possibilidade de achar ouro que desse para comprar seu veleiro ficou entusiasmado. Mas, nenhuma oficina aceitou fazer o serviço em tão pouco tempo. Resolveu fazer tudo sozinho. Parou o carro na frente do prédio que morava e, tirou o motor de seis cilindros no mesmo dia com ajuda de um guincho. Desmontou-o e levou o bloco para retifica implorando para entrega-lo no dia seguinte. Apelou para uma grande oficina autorizada cujo gerente tinha barco e o conhecia e conseguiu algumas ferramentas e as especificações técnicas para montagem. Comprou as dezenas de peças novas e começou a montagem rigorosamente dentro das especificações.

Garimpo

Andreas foi chamado para participar de uma filmagem em Ilhéus, Bahia. Verão de 70. Equipe grande com muitos atores e atrizes famosas da época. Foram quase três meses de muito trabalho, mas também de ótimos momentos. Foi onde conheceu uma mulher que muito o marcou com sua forte personalidade, inteligência e beleza. Com termino dos trabalhos em Ilhéus teriam que se separar por uns dias o que causou dificuldade de contato. Os desencontros persistiram até que Andreas foi chamado para trabalhar em Cabo Frio. Nunca mais a esqueceu.

Em Cabo Frio participaria da construção do cais na margem do canal, no centro da cidade, obra da prefeitura. Alugou uma casinha simples e enquanto esperava o início das obras. Para conseguir algum dinheiro mergulhava no barco de um amigo. A fase das boas pescarias tinha acabado e por isto mergulhavam em naufrágios. Restavam poucos que valesse o esforço. Resolveram procurar o "Wakama", o navio alemão torpedeado. Andreas encontrou um pescador que tinha prendido a rede no navio e conhecia a posição. Sem GPS na época, alinhava-se pontas de ilhas com picos de morros ou, alguma construção alta como torre de igreja alinhada com outros pontos marcantes. No cruzamento de dois ou três alinhamentos destes conseguia-se altíssima precisão. O navio tinha afundado longe da costa e precisavam de um dia de grande visibilidade para avistarem estes pontos. Esperaram o dia propicio e foram até lá. Além da profundidade, mais de 50 metros, o local aberto ao vento e ondas exigia barco grande e equipamento adequado. Pararam em cima e o colega mergulhou chegando até a mastreação do navio a uns 20 metros. Tinham a posição certa afinal, e tentariam encontrar interessados em investir na empreitada. Mas, uma firma alemã com um



navio bem equipado se antecipou e recuperou a carga, acabando de vez com o sonho do tesouro de Andreas.

Uma noite comendo no balcão do restaurante da sopa barata ouviu a conversa entre dois pescadores. Comentavam o naufrágio de dois rebocadores na ilha do Cabo que tinha sido notícia em jornais. Um deles pescava num barco a noite e viu o naufrágio de um dos rebocadores. Marcou a posição, e deu as marcações para o outro pescador. Como já havia passado algum tempo, o naufrágio teria se transformado em viveiro de peixes. Andreas gravou as marcações ouvidas e junto com o amigo foram verificar. Foi um presente. As marcações estavam certas. O rebocador, dos antigos e de madeira, estava num fundo de areia, a 14 metros em frente à enseada do Forno, Arraial do Cabo. Estranhamente o casco a meia nau estava com uma abertura grande e com os destroços saindo entre as tabuas destruídas do costado. Foi fácil deduzir que usaram um explosivo para afunda-lo. A intenção dos proprietários era cobrar o seguro. Cheio de tubulações de cobre, registros de bronze e outras peças do mesmo material, com rapidez conseguiram retirar algumas centenas de quilos. Por último ficou o grande hélice de bronze de quatro pás e preso com uma enorme porca. Tira-lo no seco já seria uma tarefa complexa dentro d'água complicava ainda mais. Andreas conseguiu convencer o amigo da viabilidade da operação. Tiraram algumas medidas e voltaram para terra para se preparar. Calculado o peso em mais ou menos 400 quilos, arranjaram dois tambores de aço de 200 litros. Conseguiram duas marretas pesadas, um macaco de caminhão do tipo catraca, (não hidráulico) correntes, alavancas, talhadeiras, cabos e uma talha de 500 quilos.

Tudo planejado voltaram ao local. A água estava muito fria, em torno de 13 a 14 graus e a velha roupa de mergulho do Andreas o protegia mal. A trava da porca do hélice foi fácil e batendo na porca com a marreta conseguiram soltar. A cada 20 minutos os dois subiam e se aqueciam no calor do motor do barco.

Colocado o macaco na ponta do eixo, foi preso com as correntes nas pás do hélice. Revezavam-se no aperto do macaco e nas violentas marretadas dadas no bojo do hélice. A vibração das pancadas no bronze soava como sino de igreja chegando a doer os tímpanos. A noite foi chegando e nada acontecia. Andreas tentava animar o seu amigo que chegou a dizer que seria a última tentativa dele. Já no escuro, com uma lanterna, desceram com Andreas prometendo que conseguiriam. Mais uma vez as lembranças da infância deram-lhe a força que precisava. De cabeça para baixo, os pés no casco acima do hélice, forçava com a alavanca a catraca do macaco, enquanto o colega batia no bojo. Com um grito contido pela água e a máxima força, o resultado veio. Num tranco surdo o hélice se soltou derrubando macaco, correntes e o Andreas. Foi amarrado nos tambores que enchidos de ar levaram o hélice à superfície com dificuldade. O peso era maior que o calculado, e descia com qualquer balanço das ondas que faziam o ar sair aos poucos dos tambores. A solução seria coloca-lo no convés do barco. Foram navegando devagar, mantendo os tambores cheios de ar, até



o cais do porto do Arraial. Havia umas tubulações, por cima do cais, que serviram para prender a talha e levantar o hélice fora d'água e coloca-lo em cima do convés.

Conseguiram fazer tudo com certa facilidade, mas o pequeno barco ficou instável e por pouco não virou com as altas ondas de nordeste. Chegaram início da madrugada em Cabo Frio. Andreas que tinha uma caminhonete com motor possante deu a ideia de jogar o hélice na beira do canal, numa parte que a caminhonete pudesse arrasta-la. Assim foi feito, mas o som do hélice batendo nos paralelepípedos das ruas acordou muita gente. Conseguiu entrar no terreno vazio do lado de sua casa antes que fosse descoberto. Dois dias depois, com muita dificuldade cortaram uma das pás para poder caber tudo na caminhonete e foram para Campos a 180 km. Uma fundição contatada compraria tudo. Enfim, teriam a recompensa depois de tanto esforço. “O material é bom, menos o hélice que não vamos querer” falaram para eles quando viram a carga. Sugeriram leva-lo para fundições que usassem este tipo de liga, só que no Rio, talvez. “Não acredito”, “não acredito” cada um falava, e agora. Andreas pediu, explicou, implorou até que depois de alguns telefonemas eles aceitaram comprar para revendê-lo a outra fundição. O peso? 408 quilos. O preço? Ridículo, nem valia a pena. Desanimados, aceitaram. Voltaram com pouco dinheiro e calados.

O amigo foi trabalhar na construção da ponte Rio-Niteroi, e Andreas preferiu ficar em Cabo Frio apesar de a prefeitura ter desistido de construir o cais.

Visitando a casa de um conhecido, viu no quintal dele, entre as galinhas e animais soltos, os restos de um motor marítimo todo desmontado e com as peças enferrujadas espalhadas. A tampa do carter servia de vasilha de água para os animais. Conseguiu o motor em troca de uma bacia. Levou tudo para a casa e verificou somente um problema no eixo. Resolvido o problema do eixo numa firma de São Paulo começou a monta-lo dentro de sua pequena casa. Sem conhecer o motor, mas usando o que tinha aprendido em outros, conseguiu monta-lo. Levou um susto quando o motor funcionou na primeira arrancada. Festejou a troca.

Conhecia um amigo com barco sem motor e fez sociedade. Pescou camarão na lagoa de Araruama e peixes de linha nas ilhas perto de Cabo Frio. Mas a sociedade não ia muito bem e tendo uma boa oferta venderam o barco.

Em uma noite de 6ª feira Andreas entrou no bar de uma amiga e sentou no balcão ao lado de um conhecido engenheiro que conversava com ela. Ele já tinha bebido um pouco e comentava sobre os problemas que estava tendo na construção de um cais com 1150 metros. Era a construção de um condomínio de alto luxo com todos os 54 grandes terrenos tendo acesso a água. Obra ousada e cara. Quatro firmas especializadas tinham tentado a execução do projeto, mas o tipo de terreno, areia e a água dificultavam. Em dois meses, somente tinham conseguido construir 4 metros. Ela ao ver Andreas, apontou-o dizendo para o engenheiro que ele seria a pessoa certa para a obra. Sem olhar ou dar importância ele disse “vai lá 2ª feira”, e continuou bebendo.



O terreno, muito baixo, era coberto pela água da maré alta. Quando baixava dava para jogar futebol até a próxima subida. Andreas chegou à obra e sem conhecer ninguém sentou numa pedra e ficou observando os trabalhos. Uma draga, seguindo a marcação onde seria a linha do cais, tentava cavar uma vala na areia. Mas, como os buracos feitos na praia, a água logo invadia derrubando as paredes. A draga então recuava para não cair no buraco. A lança dela não alcançava mais a linha onde seria o cais. A solução encontrada foi escorar as laterais do buraco. Usaram pranchões de madeira, que não deu certo por que a retirada era muito difícil e demorada. Alguém deu a ideia de usar chapas de aço para escorar. As chapas empenavam, sob a pressão da areia. Soldaram vigas para reforço das chapas. Ficaram tão pesadas que junto com a pressão da areia ficava quase impossível retirá-las inteiras. Dois dias se passaram e Andreas continuava olhando. Não se conseguia colocar as pedras na vala aberta pela draga. A água subindo rapidamente impedia o trabalho. E, se deixasse para o dia seguinte a vala virava uma piscina. Com a vala cheia a bomba funcionava horas para baixar o nível da água e permitir a colocação das pedras. Assim seria uma obra inviável em todos os sentidos. Andreas, no quarto dia, pediu ao engenheiro para deixá-lo fazer uma tentativa. Ele desanimado deu a ordem para isto, virou as costas e foi embora. Andreas conversou com o operador da draga, um homem negro, um pouco gordo, muito sorridente e simpático e lhe explicou a ideia. Antonio mostrando seus dentes brancos num franco sorriso, disse para Andreas que achava a ideia boa. A draga avançou e começou a cavar além da linha onde seria o cais. A areia era retirada do lado que teria a água, depois da construção do cais, e jogada onde teria que aterrar. Com isto já estaria adiantando um trabalho futuro. Andreas mandou colocar o mangote da bomba na vala que a draga estava abrindo, já com água, e pediu para mantê-la sempre vazia. Desta forma drenava o terreno. Rapidamente a profundidade da vala chegou ao nível desejado com a draga recuando na posição certa. Sem a água as paredes quase não caíam. A draga, usando a caçamba com garras, levantava as enormes pedras, de até duas toneladas e, as colocava no fundo da vala. Com Andreas participando, os pedreiros arrumavam as pedras, rapidamente com ajuda de alavancas. Em poucas horas foram feitos 4,5 metros de cais, mais que em dois meses de obra. Ninguém entendeu como isto foi possível, tão simples, sem necessidade de escoras ou outras complicações. O engenheiro chegando ficou surpreso. Desceu, com a roupa que estava, dentro da vala para conferir as medidas, e satisfeito perguntou detalhes a Andreas. Depois da explicação ele perguntou “Quanto você quer para fazer o cais”? Andreas mais uma vez hesitou, ter seu valor reconhecido e respeitado era o mais importante para ele. Dava-lhe vontade de dizer “você estão vendo eu posso fazer mais que vocês”. O dinheiro tinha menos importância. Na sua opinião ganhar dinheiro qualquer um podia, mas criar, inventar, enfim usar



Andreas reuniu a turma e explicou que tudo era uma questão de método e rapidez na execução. Tudo era importante nisto, o trabalho do draguista, a bomba d'água funcionando sempre, a escolha das pedras certas que facilitariam o encaixe entre elas e o trabalho deles

Só se sentia seguro e confiante dentro de um barco. Combatia a timidez com feitos arrogantes, para se destacar, chamar a atenção, e acabava atraindo inveja ou o afastamento dos outros. Continuava sofrendo achando que não era compreendido, o que o taxava como pessoa difícil e antipática. Ele somente precisava ser aceito, nada mais. O remédio que usava era se isolar, fazer trabalhos solitários.

Última edição por Leônidas...

